

José Resende Filho e Assis Brasil

TONICO E CARNIÇA

EDIÇÃO DE TEXTO

Marina Appenzeller

Suplemento de Trabalho:

Maria Aparecida Spirandelli

EDIÇÃO DE ARTE

"Lay-out" da capa:

Ary Almeida Normanha

Ilustrações da capa/miolo:

Iranildo Alves

Produção gráfica:

Antônio do Amaral Rocha

Diagramação e arte-final:

René Etienne Ardanuy

DADOS BIOGRÁFICOS (de José Rezende Filho)

José Rezende Filho nasceu no Recife, em 1929. Passou a maior parte de sua infância em Carpina, uma cidade do interior de Pernambuco, onde fez os seus estudos primários.

Começou sua atividade literária muito cedo, fundando aos dezessete anos, na capital pernambucana, a revista *A Capital*, que não passou do primeiro número. Até os vinte anos, além de dezenas de contos, escreveu os romances *Os Irmãos Ravenas*, *Zesilca*, *Doutores de Engenho*, e as novelas *O Tenente Zé Falcão* e *O Colar Sangrento*, obras que não chegou a publicar.

Em 1950, mudou-se para o Rio de Janeiro, onde teve oportunidade de publicar alguns de seus contos em jornais e revistas, inclusive no *Suplemento Literário do Jornal do Brasil*, na fase de 1956/61.

Em Brasília, onde viveu dez anos como jornalista profissional e funcionário público, fundou e dirigiu a *Sua Revista*. De retorno ao Rio de Janeiro, em 1969, lançou no ano seguinte o seu romance de estréia, *Dimensão Zero*. Em 1977, publicou o romance infanto-juvenil, *Tonico*.

Faleceu no Rio de Janeiro, em setembro de 1977.

DADOS BIOGRÁFICOS (de Assis Brasil)

ASSIS BRASIL (Francisco de Assis Almeida Brasil) nasceu em Parnaíba, Piauí, em 1932. Fez curso de Humanidades e Jornalismo na terra natal, em Fortaleza (Ceará) e Rio de Janeiro, onde exerceu a profissão de jornalista e professor.

Seu primeiro livro, escrito na adolescência, *Verdes Mares Bravios*, foi publicado no Rio em 1953, onde o autor já residia. Desde então, além da colaboração literária em jornais e revistas, Assis Brasil tem publicado livros, na área de ficção, história literária, ensaísmo crítico e narrativa infanto-juvenil. Suas obras conquistaram vinte grandes prêmios literários.

Da sua militância na área do jornalismo literário, vem o seu conhecimento e amizade com José Rezende Filho, lançado por Assis Brasil nas páginas do suplemento literário do *Jornal do Brasil*, fase de 1956/61, ao lado de nomes que então surgiam, como José J. Veiga, José Louzeiro, Maura Lopes Cansado, José Edson Gomes, Judith Grossmann.

Ao lado dos seus romances mais conhecidos, como *Beira Rio Beira Vida* e *Os que bebem como os Cães*, destaca-se a sua contribuição na área do livro infanto-juvenil, com o seriado *Aventuras de Gavião Vaqueiro*, um dos prêmios Fernando Chinaglia de 1979.

OBRAS DE JOSÉ REZENDE FILHO

Dimensão Zero
O Túmulo
Tônico

OBRAS DE ASSIS BRASIL

Romances

Tetralogia Piauiense:

Beira Rio Beira Vida (1965)
A Filha do Meio Quilo (1966)
O Salto do Cavalo Cohridor (1968)
Pacamão (1969)

Ciclo Minha Pátria:

Verdes Mares Bravios (1953)
A Volta do Herói (1974)
A Rebelião dos Órfãos (1975)
Tiúbe, a Mestiça (1975)

Fábulas Brasileiras:

O Livro de Judas (1970) Ulisses. o Sacrifício dos Mortos (1970)

Ciclo do Terror:

Os que bebem como os Cães (1975)
O Aprendizado da Morte (1976)
Deus, o Sol Shakespeare (1978)
Os Crocodilos (1980)

Contos

Contos do Cotidiano Triste (1955)
A Vida não é Real (1975)

Infanto-Juvenis

Aventuras de Gavião Vaqueiro:

I - Um Preçopela Vida (1980)

II - O Primeiro Amor (1980) III - O Velho Feiticeiro (1980)

Ensaaios e Crítica Literária

Faulkner e a Técnica do Romance (1964)

Cinema e Literatura (1967)

Joyce, o Romance como Forma (1971)

História Crítica da Literatura Brasileira:

Graciliano Ramos (1969)

Clarice Lispector (1969)

Guimarães Rosa (1969)

Adonias Filho (1969)

Carlos Drummond de Andrade (1971)

A Nova Literatura:

O Romance (1973)

A Poesia (1975)

O Conto (1975)

A Crítica (1975)

O Modernismo (1976)

A Técnica da Ficção Moderna (1982)

Livros Didáticos

Redação e Criação (1978)

Vocabulário Técnico de Literatura (1979)

Dicionário Prático de Literatura Brasileira (1979)

O Livro de Ouro da Literatura Brasileira (1982)

NOTA DA EDITORA

Tonico está de volta, ao lado do seu amigo Carniça. A proeza da ressurreição destes personagens de José Rezende Filho deve-se a Assis Brasil. Ele recolheu notas e esboços deixados pelo autor, e do convívio com o amigo, desaparecido precocemente, armou e desenvolveu as novas aventuras de Tonico e Carniça.

Assis Brasil, nesse verdadeiro trabalho de restauração artística, respeitou as idéias básicas de Rezende Filho, bem como a psicologia dos seus personagens. Assim é que a família de Tonico e seu pequeno mundo voltam a sensibilizar o leitor com a mesma força e humanidade do livro anterior.

Como era idéia de Rezende Filho, o personagem Carniça cresce mais na participação das aventuras e destino de Tonico, mostrando, embora pobre e sem educação, a verdadeira humanidade de seus sentimentos.

Assim, José Rezende Filho e Assis Brasil, pelo milagre da criação, trazem de volta, aos nossos jovens leitores, Tonico e Carniça, os dois pequenos heróis do nosso tempo.

1

Depois daquela experiência em Copacabana, quando foi surrado por alguns pivetes, Tônico não falou mais em fugir de casa. Sonhava ainda, sim, em ser independente, em ganhar o seu próprio dinheiro, como o amigo Carniça.

Voltou a estudar pela manhã, a fazer os deveres de casa e da escola, e como tudo parecia ter entrado na rotina, a avó e a mãe não se importavam tanto que Tônico fosse até o campo de futebol, para jogar uma pelada com os amigos.

Mas dona Corália advertia:

- Olhe, Tônico, não quero você misturado com aquele tal de Carniça.
- Tenho que devolver a caixa de engraxar pra ele, vó.
- Pois faça isso e pronto.

A preocupação maior de Tônico, no entanto, era com a promessa do tio Severino: um presente pra ele, que iria deixar todo mundo de boca aberta. Por isso vivia indagando, apreensivo:

- Será que tio vem hoje de noite, vó?
- Deve vir. Ele não passa muito tempo sem aparecer, não é

Dona Corália acabara de lavar uns copos e enxugou para as crianças. as mãos ali mesmo, numa toalha de prato.

– Vá mudar de roupa, menino. Você ainda não perdeu a mania de ficar com a roupa da escola?

– Está bem, vó.

– Mude a roupa e venha almoçar.

Tonico foi lá dentro no quarto e em poucos minutos voltou de roupa trocada.

– Mamãe ainda não chegou, vó?

Dona Corália deu um suspiro e sentou-se com os braços caídos sobre as pernas.

– Sua mãe não pára mais em casa. Ela anda toda enrolada, coitada, com essa papelada toda para receber uma ninharia do INPS, por causa da morte do seu pai. E todo santo dia de cima pra baixo, de manhã à noite e não resolvem nada. Não há papel que chegue. Todo dia eles pedem uma coisa diferente.

Tonico olhava para a avó e não estava entendendo o que ela queria dizer.

– Vó, esse INPS devia ao papai?

– É uma pensão, Tonico, que toda viúva tem direito. Todo trabalhador paga por mês um pouco ao Instituto. É pra família dele não ficar no desamparo, caso ele morra ou fique sem poder trabalhar. Nunca é grande coisa, mas sempre ajuda.

– E por que demora tanto assim?

– Não sei direito, Tonico. Acho que atrasa é porque funcionário público não quer nada com trabalho.

Aquela história de INPS ainda continuava meio confusa para Tonico.

Dona Corália mudou de assunto.

– Se já acabou de almoçar, lave o seu prato e arrume a mesa. Estou sozinha no serviço da casa, me ajude um pouco.

– Tá bem, vó.

Ela se levantou e pegou a vassoura para varrer a sala. Era um velho costume, varrer a sala logo após as refeições. Às vezes podia cair no chão um pouco de arroz, de farinha, e se alguém pisasse, acabaria tudo emporcalhado.

– Será que o tio vem hoje, vó?

– Que mania, meu Deus. O que foi que ele disse da última vez que esteve aqui?

– Que um tal de *negócio* já estava quase pronto.

– E então?

– Mas não disse que negócio era esse. E já faz muito tempo que ele prometeu, vá.

– Tenha paciência, Tonico. Se seu tio prometeu, ele cumpre. Bio é um homem de palavra, você bem sabe disso.

– Eu sei, vó.

– E depois não faz tanto tempo assim.

– A senhora sabe o que é?

– Eu não.

– Nem adivinha?

– O que há com você, Tonico? Está ficando lelé?

– A senhora podia pensar em alguma coisa, aí eu ia ficar mais quieto.

– O Bio não me disse nada, nem para sua mãe. Mas só pode ser uma coisa boa, -isso eu garanto.

– Uma coisa muito boa, vó?

– Isso mesmo, Tonico. Sábado seu tio vem aqui e acho que já vamos saber de tudo.

Tonico foi até a pia da cozinha, carregando alguns pratos para lavar.

Dona Corália falou da sala.

– Você já devolveu a caixa de engraxar pro seu amigo?

– Não, senhora. Nunca mais vi ele.

– Vi ele, hã, menino. Você está estudando pra falar errado? Diga assim: nunca mais o vi.

– Nunca mais o vi? Puxa, é esquisito, vá.

– Mas é assim que é o certo. É assim que gente direita fala. Você quer ser gente ou um bicho?

– Pois é, vá. Nunca mais vi o Carniça - e ficou pensativo. - Nem no campo de futebol ele aparece. Sumiu mesmo.

Dona Corália balançou a cabeça.

– Na certa andou fazendo alguma por aí.

Tonico não respondeu.

Acabou de lavar os pratos, arrumou-os ao lado da pia e depois ajeitou a toalha da mesa da sala.

Sua avó continua a varrer a casa em silêncio.

Quando Tonico passava da sala para o seu quarto, ela falou num tom de segredo:

– Pelo que ouvi Bío falando com su~ mãe, ele só vai lhe dar o presente depois que você devolver essa caixa velha e suja pro seu amigo.

– Eu quero devolver, vá, mas o Carniça não aparece, eu já falei pra senhora.

Dona Corália deu de ombros e continuou o seu trabalho de casa. Mas ainda observou:

Espero que não vá se ombrear de novo com ele.

– Ombrear, vá?

– Sim, voltar a ser igual a seu amigo, um moleque de rua.

2

Uma hora mais tarde, após fazer os deveres da escola, Tonico teve liberdade para ir ao campo de futebol. E saiu de casa levando às costas a velha caixa de engraxate que havia comprado do Carniça. Estava realmente disposto a devolvê-la e não pensar mais nela. Já estava na rua quando teve uma idéia e voltou. -

– Será que tio Severino vai comprar uma televisão pra gente ver a Copa, vá?

– Como é que vou saber, Tonico? Pode ser e pode não ser, uma televisão é muito cara.

Tonico saiu meio triste.

– É. acho que vou ter de ver a Copa lá mesmo no armazém.

– Vá brincar mas volte cedo – disse a avó.

– Não demoro, não senhora.

– Cuidado que eu acho que vem chuva por aí. Olhe o céu como está feio. Instintivamente Tonico olhou para fora e foi embora.

Pensava no Camiça: "Será que foi atropelado? Será que morreu e eu não sei?"

Chutou uma pedra no meio do caminho, preocupado:

"E se o Carniça morreu, como é que eu vou saber?"

À tardinha, quando voltou do campo, trazia ainda a caixa de engraxar nos ombros.

Dona Corália olhou-o longamente.

– Não devolveu isso, menino?

– Como, vá? Ah, ele não apareceu de novo. Estou até preocupado. Será que o Carniça morreu, vá?

– Como é que vou saber?

– Ele nunca se afastou muito tempo das peladas. Mamãe ainda não voltou?

Dona Corália torceu o rosto visivelmente enfadada.

– Não sei de sua mãe. E já estou morta de cansada com tanto serviço aqui em casa. Você precisa me ajudar mais.

Foi acabar de falar e dona Zen entrar na cozinha. Jogou a bolsa e uns embrulhos sobre a mesa e caiu numa cadeira.

– Ah, mamãe, enfrentar esses trens não é fácil.

– Conseguiu resolver tudo, minha filha? – dona Corália perguntou aflita.

Dona Zenaide tirou os sapatos, passou as mãos nos cabelos e deu um suspiro.

– Ainda não.

– Está faltando alguma coisa?

– Agora só falta o chefe assinar. Foi o que o moço me disse lá no guichê. Mas uma mulher me disse que essa parte é que demora.

– Que coisa demorada.

– E Tonico?

– Está lá dentro. Chegou agora da brincadeira – e acrescentou cheia de desgosto: – Ainda não devolveu aquela maldita caixa de engraxate.

Dona Zenaide balançou a cabeça e perguntou calmamente:

– Ele fez os deveres da escola?

– Andou por aí com os livros nas mãos. Acho que fez.

Tonico veio correndo do quarto.

– Já fiz tudo, mamãe.

– Então está bem. Ajudou sua avó?

– Ajudei, sim senhora. Mãe, tenho que fazer pro colégio uma pesquisa que o professor passou.

– Uma pesquisa?

– É. Sobre ecologia. Tenho que ler alguma coisa sobre isso: jornal, revista, livro. Depois faço um trabalho de duas folhas. Mãe, o que é ecologia?

– Pergunte a seu tio. Não me meta nessa história que estou muito cansada. Seu professor não explicou o que era?

– Explicou mais ou menos. O resto a gente tem que aprender sozinho, lendo por aí. Isso é que é pesquisa. Mãe, a senhora vai ter que comprar um livro sobre ecologia.

– Ainda mais essa. Como vou comprar livro, Tônico, se não tenho dinheiro nem pro feijão?

– Pode deixar. Vou ler de carona com algum colega que tenha um livro. Será que o tio Severino sabe o que é ecologia?

– Só perguntando a ele – disse a avó.

Dona Corália sentou-se na frente da filha. Dona Zen não parava de balançar a cabeça.

– Ah, se eu tivesse um pistolão, ou ao menos um conhecido lá dentro. Já teria resolvido tudo. Depois de quase três horas numa fila é que eles vêm dizer que falta isso e aquilo e que volte outro dia. Ninguém tem consideração com ninguém. Eu soube, mãe, que há uns caras que arranjam tudo sem a gente sair de casa. Mas uma dona que estava na fila me disse que eles cobram uma nota.

– Quem pode pagar não tem problema em lugar nenhum.

Dona Corália levantou-se e gritou por Tônico.

– Vá tomar seu banho, menino. E não saia mais de casa, a chuva já está caindo.

– Sim, vó.

– Aproveite pra ler qualquer coisa. Lembre-se de que os grandes homens aprenderam tudo foi nos livros.

Tônico, depois do banho, plantou-se na janela de casa, olho comprido na calçada esperando o tio aparecer.

Dona Corália ajudava a filha nas suas costuras, fazendo bainhas nos vestidos, enquanto dona Zen pedalava a máquina de costura.

– Tonico não sai da janela - disse ela sorrindo para a mãe.

– Eu sei - respondeu dona Corália. - Desde o dia que ele fugiu de casa que é assim: esperando o tio. Também o Bio foi prometer esse tal de negócio, um tal de presente.

– E ele já veio aqui várias vezes de mãos abanando – as duas sorriram.

– Mas Tonico não desiste de cobrar.

– É mesmo. O Bio vai ter de arranjar alguma coisa, senão Tonico endoidece.

– Coitado do meu neto - disse dona Corália baixando as mãos sobre o que estava alinhavando – tão sonhador, querendo ficar logo homem. Afinal, Zen, o que diabo de coisa o Bio foi prometer a ele?

– Não sei, mamãe. Ele não me disse. Quer fazer surpresa pra todo mundo.

– Não será um emprego?

– Como emprego? Tonico não voltou a estudar pela manhã?

– Talvez um trabalho de tarde. Assim de duas às seis, não vai atrapalhar nada.

– Ah, isso é muito difícil. Quem é que quer um empregado só pra trabalhar meio expediente?

– O Bio pode ajeitar isso.

– É, vamos ver.

Tonico continuava debruçado na janela, olhando a calçada até quase o fim da rua. A noite estava esfriando, quase ninguém passava: um casal de namorados, um cachorro perdido, um ou outro carro.

Suas costelas já doíam de tanto ficar na mesma posição. Pensou em apanhar um travesseiro, mas a avó e a mãe já haviam advertido que estava na hora de dormir.

– Tonico, amanhã cedo tem escola - dissera a avo.

Mais uma vez estirou o pescoço, pra ver melhor a esquina. E de repente seu coração pulou de contentamento. Lá vinha o tio Severino.

3

Tonico saiu da janela e gritou:

– O tio vem ali, mãe.

Seu Severino deu boa-noite e disse:

– Passei por aqui só pra combinar uma coisa com o Tonico.

– O que é, tio, o que é?

– Amanhã, na saída da escola, me espere. Então vou dizer do que se trata. Sei que você vai ficar satisfeito.

– Me diz agora, tio.

– Por enquanto ainda é segredo pra todo mundo. Não seja tão curioso, Tonico. A curiosidade foi que matou o gato.

As duas mulheres acharam graça, mas não fizeram nenhuma pergunta. Dona Zen estava talvez mais curiosa do que Tonico, mas se conteve.

Tonico, enfezado, choramingando, foi pro seu quarto sem dar boa-noite a ninguém.

– Amanhã ele vai ficar alegre - disse o tio.

– Bio, por que você não diz logo de uma vez o que é?

– falou dona Zenaide.

– Amanhã, amanhã - seu Severino foi saindo de manso. Deu com a mão e foi embora.

Tonico, deitado, os olhos pregados no telhado da casa, quase não conseguiu dormir. Foi uma noite cheia de cochilos, pesadelos, um mundo de pensamentos entrecortados.

– Amanhã, na saída da escola, me espere. Então vou dizer do que se trata. Sei que você vai ficar satisfeito - as palavras do tio continuavam em seus ouvidos.

A manhã do dia seguinte para Tonico foi uma das piores. 'A imaginação coatinuava apertando, e apertava tanto que ele mais parecia um viajante do deserto morrendo de sede.' Meio tonto, a sala de aula pra ele era como um sonho. Nem via nem ouvia nada, completamente entregue à promessa misteriosa do tio Severino.

Os professores notaram a mudança repentina de Tonico. Logo ele, tão quieto e tão atento às explicações de aula.

– O que há com você, Antônio?

– Nada não, fessor.

Tonico respondia quase que automaticamente, "nada não, “fessor”, mas a impaciência, uma angústia esquisita, cresciam de cima para baixo, apertando-lhe o coração, esfriando mãos e pés. Seus olhos estavam com as pálpebras pesadas e só se abriam um pouco mais pra olhar o relóginho de pulso da colega ao lado.

"Hoje a hora não passa", repetia para si mesmo, ouvindo apenas longinquamente a voz do professor.

E de repente, como se tivesse dado um cochilo, a sineta do fim da aula tocou.

Tonico se levantou logo, a turma inteira ainda sentada, o professor acabando de dar uma explicação da qual ele, desde o início, não conseguira ouvir uma única palavra.

– O que está acontecendo com você, Antônio? - O professor estendeu a mão para a turma: – Um momentinho só.

Voltou a sentar-se, o coração tum-tum-tum no peito.

– Está com algum problema, Antônio? – insistiu o professor.

– Não... não, senhor...

– Você hoje não está bem, eu sei. Que que há?

– Nada não, fessor, nada não.

– Vamos ver se amanhã você presta mais atenção à aula. Se não aprendeu nada hoje, amanhã me pergunte.

– Sim, senhor. Obrigado, fessor.

Finalmente, a ordem maravilhosa:

– Podem sair.

Tonico correu como um louco para o pátio. Parou, olhou para todos os lados.

"Cadê o tio?"

Foi até o portão. Os olhos se arregalaram, seu Severino estava encostado numa árvore próxima.

– Tio, tio – gritou.

– Eu não disse que vinha?

– Sim, senhor, disse. Sempre soube que o senhor tem palavra.

Tonico nem acreditava que as coisas estavam acontecendo como ele havia pensado. Seu Severino abraçou-o pelos ombros.

– Vamos lá?

– Lá onde, tio?

– Lá onde está a coisa.

– Coisa, que coisa?

– O *negócio* que falei.

Tonico viu que não adiantava insistir até ver, realmente, que coisa era aquela que o tio estava lhe prometendo há tanto tempo. Mas no íntimo sentia que o tio estava sendo até mesmo meio ruim com ele, estirando tanto a revelação daquele segredo. Será que o tio não podia adivinhar que ele estava meio doente com tudo aquilo?

Tonico deu a mão ao tio e saíram devagar rua abaixo – pela calçada da escola, atravessaram a praça, quietos, ninguém falando nada.

Em frente ao armazém do seu Gonçalves, pararam. Tio Severino disse, ainda cheio de segredos:

– Sua mãe e sua avó já viram e gostaram muito.

– Gostaram muito de quê, tio? – Tonico estava quase pra cair em lágrimas, tanto era o seu sofrimento e ansiedade.

– E disseram que você ia adorar.

– Tio, o senhor está quase pra me deixar doido com essa história – e Tonico começou a chorar, abraçando-se ao seu Severino.

– Ora, o que é isso, Tonico, eu só estava brincando com você, não ia saber que ia ficar tão agitado. Está bem, já chegamos, olhe ali na porta do armazém.

Tonico limpou as lágrimas do rosto, olhou na direção indicada.

– Onde, tio? Não estou vendo nada.

– Lá na porta do armazém do seu Gonçalves.

4

Tonico olhou, olhou, e seus olhos foram ficando cada vez maiores e a boca se abrindo num grande sorriso.

– Titio...

Como um doido atravessou a rua e ficou olhando curioso uma cadeira novinha de engraxate, dessas grandes, onde o freguês se senta com todo o conforto. O móvel estava envernizado e brilhante, cheirando ao sonho que Tonico tinha na cabeça.

– Que legal. Isso é meu, tio?

– E tudo seu.

– Deve ter custado uma nota, tio.

– Mais ou menos, não se preocupe com isso. Agora você vai ser um engraxate de verdade.

Seu Gonçalves, o dono do armazém, aproximou-se rindo e bateu nas costas de Severino.

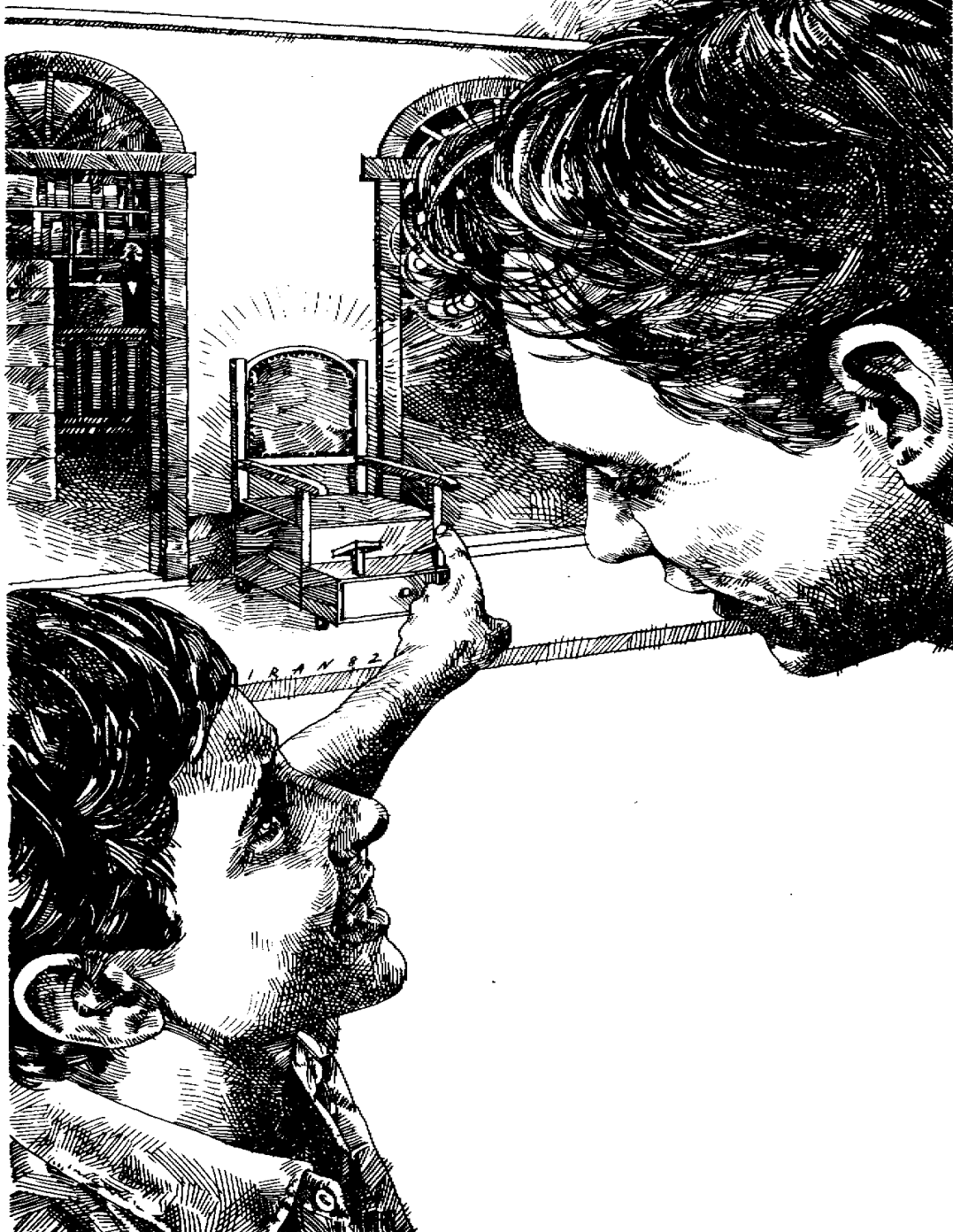
– Ele gostou?

– Não está vendo, Gonçalves? Sabia que ele ia gostar, mas não tanto assim.

Num pulo Tonico subiu na cadeira e colocou os pés no lugar onde o freguês bota os sapatos para engraxar. Suspirou, olhou em volta, como se quisesse dizer pra todo mundo que aquela cadeira de engraxate era sua, inteiramente sua.

Severino brincou, fingindo que estava engraxando os sapatos de Tonico.

ARIMAZIEM GONÇALVES



Tonico olhou, olhou, e seus olhos foram ficando cada vez maiores e a boca se abrindo num grande sorriso.

– Vamos lá, meu primeiro freguês do dia – ia dizendo e Tonico rolando de
rir. – Quer com tinta ou só com graxa,
freguês?

Abriu a gavetinha de baixo e foi tirando todo o material
de engraXar, com o duplo propósito de mostrar ao sobrinho
e de tentar engraxar mesmo os seus sapatos.

– Tem tanta coisa, tio – Tonico de boca aberta.

– Está tudo aqui: álcool, água, graxa preta, marrom e incolor.

– Incolor, tio?

– Sim, você não sabe? Tem sapato que só pega graxa incolor, pra não ficar
borrado.

– E como é que vou saber isso?

– Ora, não se incomode, o freguês chega e pede: "Tem graxa incolor?" Aí
você já sabe que o sapato dele só pega
este tipo.

Tonico estava cada vez mais deslumbrado.

Depois o tio mostrou dois tipos de escova: a de cabelo
fino e a de cabelo grosso, e mais um par de flanelas.

– Será que falta ainda alguma coisa, Tonico?

Ele continuava como num sonho.

– Que barato, tio.

Pensou um pouco, olhou todo aquele material novo e disse:

– Tio, não estou vendo a escovinha.

– Que escovinha?

– A de passar tinta no sapato.

Ah, está aqui dentro, está aqui, olhe.

Seu Alfredo, que era balconistà no armazém de seu Gonçalves, veio ver
também a alegria de Tonico. E todos elogiavam a beleza da cadeira e
faziam uma ou outra observação.

Tonico voltou a um ponto que agora o preocupava:

– Custou uma nota, hein tio?

– Nem tanto.

E seu Severino explicou que arranjava a madeira com o patrão dele e que
um seu amigo, marceneiro, o Aristides, fizera tudo aos poucos, nas horas de folga,
por um preço camarada.

– Por isso foi que demorou - disse o tio.
– Foi muito caro? Quanto?
– Não muito, Tonico.
– Quanto, tio?
– Bem, como você insiste em saber, a cadeira, com a gaveta e o banquinho, ficou mais ou menos pelo preço de uma bicicleta nova.
– Isso tudo? – Tonico arregalou os olhos.
Aí seu Gonçalves, pra chamar a atenção de Tonico, começou a empurrar a cadeira de engraxar pra frente e pra trás. Só então Tonico viu as rodinhas de rolimãs por baixo dos pés da cadeira.
– Que barato, tio - ele babava de contente.
O tio explicou que mandara fazer assim para ficar mais fácil de movimentar.
– Na hora de tirar do armazém, ou de botar pra fora, ninguém precisa fazer muita força, não é?
– Seu Gonçalves vai guardar ela, tio?
– Foi o que combinamos. A cadeira vai ficar lá atrás do armazém. Quando você chegar pro trabalho, seu Gonçalves ou seu Alfredo dão uma mãozinha, e a cadeira vem aqui pra porta. Quando você for pra casa, e a mesma coisa.
– Obrigado, seu Gonçalves – disse Tonico ainda deslumbrado com tudo que estava acontecendo.
– Agradeça a seu tio - disse seu Gonçalves. - A minha ajuda é pouca. É só de guardador da cadeira.
– Posso começar a trabalhar agora, tio?
Tonico não sabia se se sentava na cadeira ou se remexia nas coisas da gaveta. Seu Gonçalves sorria, seu Alfredo batia palmas e tio Severino tinha lágrimas nos olhos pela felicidade do sobrinho. Agora podia sentir bem fundo que era muito melhor dar do que receber, fazer o bem sem olhar interesse de espécie alguma.
– Primeiro você vai pra casa almoçar e trocar a roupa da escola - disse ele para o sobrinho. – Depois pode trabalhar até às sete horas, que é a hora que seu Gonçalves fecha o armazém.

– Tá legal, tio.
– Os deveres da escola você só vai poder fazer depois que chegar em casa. Quem trabalha é assim mesmo, tem que fazer sacrifícios.
– Não vou me queixar, tio.
Tonico alisou mais uma vez a cadeira, apalpou o acento de couro acolchoado e disse ao tio que ia botar na frente da gaveta o escudo do seu time, o América.
– Vai ficar um estouro, tio.
– Vai mesmo. Tonico. Bem, vamos embora, mais tarde você volta pra enfrentar o batente.
Despediram-se de seu Gonçalves e Tonico caminhou até muito longe olhando pra trás, pra ver a sua cadeira, que brilhava na porta do armazém.

5

– Ah, ia me esquecendo de uma coisa - disse seu Severino. - Aqui está a chave da gaveta e um cadeado. Quando você encerrar o serviço do dia, deixe tudo fechado.
– Sim, senhor, tio, o senhor pensou em tudo, não foi? Mamãe e vovó já souberam?
– Já souberam e ficaram tão alegres quanto você, Tonico. Agora só lhe peço uma coisa.
– O que é, tio?
– Não quero bagunça nenhuma na porta do armazém de seu Gonçalves. Aqueles seus amigos do campo de futebol, com o Carniça e tudo, não quero ninguém por lá.
– Pode deixar, tio. Perto da minha cadeira só encosta quem for engraxar os sapatos.

Seu Severino sorriu e passou a mão na cabeça do sobrinho, que ainda parecia flutuar, como se estivesse mergulhado num sonho bom.

– Seu Gonçalves é um velho amigo meu e não quero que ele se arrependa de me ter emprestado aquele cantinho. Não quero bagunça de menino nenhum, se digo isso é porque sei o que digo. Não estou certo, Tonico?

– Está, sim, senhor. Sei que alguns conhecidos vão querer bagunçar o coreto, com inveja de mim.

Tonico mostrou agora uma pontinha de tristeza no meio de toda aquela alegria. Mas de repente seu semblante se desanuviou e ele disse:

– Vou falar pra eles que seu Gonçalves é da polícia e manda prender quem fizer bagunça na porta do armazém.

– Não precisa mentir, Tonico. Diga só que está trabalhando pra ajudar sua mãe. E diga também isso ao seu amigo Carniça. Diga que trabalho é trabalho, não é aventura, como aquela que você fez lá por Copacabana.

– Agora eu sei disso, tio.

– Estou falando isso, Tonico, porque seu Gonçalves às vezes é nervoso, e pode até expulsar você de lá. Trate de engraxar os sapatos dos fregueses e quando não tiver nada pra fazer, pegue um livro, leia alguma coisa pro colégio, ou pegue mesmo um jornal: ler sempre ajuda a educação, você sabe disso.

– Sim, senhor, tio.

– Ocupe bem o seu tempo, só isso. No dia que não quiser trabalhar, não tem importância, tranque a sua gaveta, guarde a cadeira e vá jogar um futebolzinho.

– Nada disso, tio. Quero é ganhar dinheiro. Minha mãe anda tão dura que não pode nem comprar um livro pra mim. E eu preciso de um livro sobre.. . sobre uma tal de ecologia.

– Bem, se você está precisando de um livro, eu compro, Tonico.

– Precisa não, tio. O senhor já gastou uma nota com a cadeira. Agora vou ganhar uma grana firme, umas cinquenta pratas por dia. O senhor vai ver.

– Vá devagar, Tônico. No começo não vai ser muito fácil, você vai ver. Até aparecerem os fregueses, gente que vai ficar conhecendo você. Mas, você sabe, a gente tem que lutar, insistir. Nunca desanimar.

– Nunca vou desistir, tio.

Numa esquina se despediram.

– Daqui vá pra casa, apareço lá de noite – disse Severino.

– Tio, o que é ecologia? Preciso comprar um livro pra pesquisa do colégio. Mamãe não sabe o que é, nem vovo. Mamãe disse que o senhor sabe.

– Você não quer deixar pra conversar sobre isso de noite? Enquanto isso vou ver se encontro o tal livro ali numa papelaria. De noite a gente conversa e você me diz o que achou do seu primeiro dia de trabalho, está combinado?

– Está combinado, tio.

Tônico saiu correndo no rumo de casa. Seu Severino olhou-o por alguns instantes e di~se baixinho: "Tônico é um bom menino e vai ser um grande homem".

6

Uma hora mais tarde, Tônico estava ao lado de sua banca de engraxar, meio desajeitado diante daquilo tudo, deslumbrado e meio confuso, à espera do seu primeiro freguês.

De dentro do armazém seu Gonçalves olhava-o pelas costas e de vez em quando fechava um olho pra seu Alfredo, ambos também em expectativa pelo aparecimento do primeiro freguês de Tônico.

Todo mundo que passava, ele olhava logo para os sapatos e quando achava que alguns estavam sujos e com menos brilho, dizia acanhado e em voz baixa:

– Graxa, freguês?

Ninguém parava, sequer olhavam para a sua cadeira brilhante, nova, que para Tónico parecia ser a coisa mais bonita da rua.

Deu cinco horas da tarde e ele ainda não tinha engraxado nenhum sapato. Mas continuava a insistir, agora já mais desembaraçado:

– Graxa, freguês? Uma graxazinha aí, freguês?

O dono do armazém, ou o empregado Alfredo, sempre que podiam, chegavam até a porta e puxavam uma conversinha do Tónico, a modo assim de ele não ficar tão sozinho e pensativo. Mas Tónico não se dava por vencido e estava se lembrando sempre das palavras de seu tio.

– É assim mesmo, é o primeiro dia. Titio disse que é assim, que eu não desanimasse.

– Claro Tónico que é assim no primeiro dia - disse seu Gonçalves.

– Mesmo eu já comecei tarde hoje, seu Gonçalves.

– Foi isso mesmo, Tónico.

Seis horas da tarde e nada. Tónico não havia jeito de estrear a sua cadeira, as graxas, os panos, tudo. Estava impaciente, mas não desiludido.

Em alguns momentos, para arrefecer a chateação de ficar tanto tempo sem fazer nada, sentava-se no lugar do freguês e colocava os pés na posição de engraxar os sapatos, e dizia bem baixinho, como se fosse outra pessoa: "Quero este sapato brilhando como um espelho, quero me pentear olhando pra ele".

E Tónico mesmo respondia, se dando ar de autoridade no assunto:

– Pode deixar, freguês, vai ficar como um espelho, se não gostar não paga.

Depois voltava a ficar de pé, observando sempre alguns sapatos imundos que passavam por ali. "Essa gente não limpa os sapatos? Será que pensam que é caro? Acho que vou dizer o preço".

E falou alto, para um mulato que passava com os sapatos enlameados:
– Graxa, freguês? É só cinco cruzeirinhos, cinco cruzeirinhos, tá legal?

O mulato passou direto, Tônico bateu com o pé no chão:
– Será possível ó meu?

Foi mais uma vez lá dentro urinar, lavou as mãos na pia do banheiro e voltou para o seu posto, assim como um soldado na guerra, vigilante, prestando atenção a todos os movimentos. Quando era mulher que passava ao lado, ele nem se dava ao luxo de falar, mas pensava: "Mais uma mulher vem ali. Mulher não engraxa sapato em cadeira de rua".

Depois pensou mais: "E onde é que mulher engraxa sapato?"

E falou alto pra seu Gonçalves, que mais uma vez ia chegando na porta:

– Seu Gonçalves, onde é que mulher engraxa sapato?

O homem coçou a cabeça, pensou, pensou, e disse:

– Acho que é em casa. E mulher não demora muito com um par de sapatos. Se fica feio, ela compra logo outro.

– Mamãe não tem muito sapato. Agora me lembro que ela passa um pano molhado nos sapatos, toda vez que vai sair. E esse pessoal granfa, que tem dinheiro?

– Bem, acho que já vi sapato de mulher em banca de engraxate. Algumas deixam na banca e depois vêm apanhar – explicou seu Gonçalves.

Tônico mudou de assunto, depois de tirar do peito um suspiro longo.

– É, seu Gonçalves, vou fechar por hoje. Não adianta, não aparece nenhum freguês.

– Amanhã vai ser melhor, Tônico – foi seu Alfredo quem respondeu, mais próximo da porta.

Tônico pegou uma flanela e mais uma vez limpou toda a cadeira. Quando já colocava o cadeado pra fechar a gaveta do material, ouviu alguém o chamando do outro lado da rua.

Reconheceu a voz. Voltou-se num instante e arregalou os olhos. Era Carniça, mais sujo do que nunca.

7

Tonico não se conteve e correu para a outra calçada.

– Puxa, cara, você sumiu.

– Minha mãe foi pra Minas - Carniça encostou-se num poste - e eu tive que ir com ela. O velho morreu.

– Que velho? Teu pai? - Tônico espantou-se.

– Nada, cara, meu avô. Já tá enterrado, teve até missa pra ele. A cidade toda foi na igreja. Todo mundo gostava do coroa. Botei roupa nova, sapato novo, só você vendo.

Tônico olhou para os molambos que vestiam Carniça e perguntou:

– E a roupa nova, onde está?

– Mamãe guardou. Guardou também o sapato. Disse que é só pra dia de festa.

– Foi ela que comprou, Camiça?

– Foi ela, e as passagens pra Minas também. Ganhou dinheiro no bicho, acertou uma centena. Aí, de repente, disse assim pra mim: "Acho que vou visitar meu velho pai. Voêê quer ir?" Mas ela deu azar. Quando a gente chegou lá, o velho já estava de canela esticada.

Tônico apontou para Carniça:

– Já viu minha banca de engraxar? – e puxou o amigo pelo braço, atravessaram a rua.

Carniça examinou a cadeira, entre alegre e espantado.

– Que barato, cara.

– Vou ganhar uma nota, não vou?

– Sei não, bicho.

– Sei não, como? O que quer dizer?

– Tu vai cobrar quanto?

– Cinco pratas.

– Cinco? Aqui não tem gringo, morou? Esse povo daqui é duro, tá?

– Mas cinco não é muito, e o freguês fica sentado, no acolchoado - e Tônico alisou o acento da cadeira. – O que é melhor? O freguês engraxar por três, em pé,



*Reconheceu a voz. Voltou-se num instante e arregalou os olhos. Era
Carniça, mais sujo do que nunca*

ou por cinco sentado no bem-bom?

– Sei não, cara, pode ser.

Tonico não gostou do esmorecimento do companheiro. E se lembrou que naquela tarde não tinha engraxado o sapato de ninguém. Mas não queria dar o braço a torcer.

– O preço eu não baixo. Tio Severino disse que o negócio é ter paciência e não desistir.

– Foi ele quem deu a cadeira, Tonico?

– Foi ele, sim.

– Puxa, teu tio é um cara muito do legal.

– Bateu bola hoje? - Tonico perguntou.

– Vim do campo agora. A gente deu de seis a zero num time que apareceu por lá.

– Você fez quantos gols?

– Eu fiz quatro e o Betinho fez dois.

– Puxa, você está jogando bem à pampa.

– É, qualquer dia desse vou treinar num time grande.

– Quem vai te arranjar?

– Sei lá, não conheço ninguém. Vou lá e digo: quero uma vaga nesse time.

Tonico achou graça, mas Carniça estava mais sério do que nunca.

– Essa turma toda por aí é perna-de.pau, Tonico. Vou lá e ganho deles – Carniça gingava o corpo e levantava as pernas, como se estivesse controlando uma bola. – Tu vai ver, vou pro Bonsuça.

– Bonsucesso? Por que não pega o "dente-de-leite" do América?

– Ah, esse é time de granfa. Mesmo não vou pegar "dente-de-leite" nenhum. Vou logo pro juvenil, já tenho idade, morou? Eu sou mais eu.

Tonico deslumbrava-se com o amigo. Como era que Carniça podia ser assim, tão decidido?

– Tu tem vendido muito jornal? - Tonico perguntou.

– Parei, perdi a vaga. Essa de viajar não foi uma boa. Mas a velha disse pra mim: você vai conhecer seu avô, mas quando a gente chegou lá, ele já estava no caixão.

Mamãe chorou e quis até arrancar os cabelos da cabeça. Foi um negócio chato pra burro.

Seu Gonçalves gritou de dentro do armazém:

– Já vamos fechar, Tonico.

Seu Alfredo apareceu na porta e disse que ia ajudar a botar a cadeira pra dentro. E foram empurrando, Carniça observando as rodinhas embaixo.

– Que legal, cara.

– É, meu tio pensou em tudo.

– Se eu tivesse um tio como esse.

Carniça falou assim mas não foi em tom de lamentação. Falou mais para valorizar a cadeira de Tonico, pois estava satisfeito com a felicidade do amigo. Para ele, ganhar uma cadeira daquela ou não, era a mesma coisa, porque sabia, sentia bem no íntimo, que algum dia seria alguém, um jogador famoso, por exemplo.

O armazém fechado, Tonico se despediu de seu Gonçalves e do empregado e saiu caminhando ao lado de Carniça.

– Vou devolver a tua caixa – disse.

– Tá legal, Tonico, estou mesmo precisando ganhar umas pratas e ainda não tive tempo de fazer uma caixa pra mim. Agora você, com aquela cadeirona, não precisa andar por aí. E com aquela minha caixa, ganhou alguma coisa? Nem teve coragem de sair por aí, né?

Tonico deu uma risada, inchou o peito, se lembrando da sua aventura em Copacabana.

– Eu levei foi uma surra. Entrei numa fria.

– Surra, cara? Como foi?

E Tonico passou a contar para o amigo tudo quanto tinha acontecido naquele dia. Mas agora, já sentindo o acontecido de mais longe, achava que tudo tinha sido para o seu bem, pois se não tivesse chegado em casa sujo e ferido, talvez o tio Severino não se lembrasse de lhe dar aquela cadeira.

– Tu apanhou porque eu não tava lá – disse Carniça.

– Não dou colher de chá pra vagabundo. Sabe como é que me defendo, quando o cara é maior?

– Não, como é?

– Meto a caixa nele. Ou então boto no peito, como um escudo, e saio empurrando o que tiver na minha frente. Só tu vendo.

Carniça puxou um maço de cigarros, botou um no beijo, procurou os fósforos, acendeu e deu aquela baforada. Olhou de olho baixo pra Tonico.

– Quer um, cara?

Tonico balançou negativamente a cabeça.

– Não gosto.

– É legal, cara. A gente dá uma de maior.

– Não gosto, fico tonto.

Atravessaram algumas ruas e já estavam próximos da casa de Tonico. A noite já tinha caído no subúrbio e muitas pessoas passavam apressadas, correndo pra tomar condução.

– Tonico, esse negócio de ficar tonto com o cigarro ésó no começo, cara – disse Carniça. – Depois é um barato.

Tonico franziu o rosto e tornou a balançar a cabeça.

– Meu tio disse que botar fumaça dentro da gente não é uma boa, estraga os pulmões. É melhor comer uma fruta ou mesmo chupar um chicabom.

– Teu tio não fuma?

– Fuma, e daí? Se ele diz que não presta é porque não presta. E se fuma é porque já está viciado, não agüenta deixar. Uma vez ouvi ele dizer pra mamãe: "Sou um escravo do fumo, Zen, não posso largar".

– Se faz tanto mal, por que tanta gente fuma? – perguntou Carniça.

– Não sei. Talvez seja porque o rádio diz toda hora que é bom e o povo vai e fuma.

– Ora, Tonico, tudo isso é papo furado. – Carniça tirou outra tragada, fazendo pose, não se importando com aquela conversa.

– Tu compra cigarro?

– Compro, e custa uma nota, cara. Todo dia estão aumentando o preço do cigarro.

– Minha avó também disse que cigarro só traz prejuízo.

– Prejuízo é verdade, deixa o bolso da gente no furo. Bem, quando eu quiser deixar, eu deixo.

– E por que não deixa logo, Carniça?

– Quando quiser eu deixo. Tu ganhou quanto na tua banca, hoje?

– Bem.., hoje eu já comecei tarde, acho que ninguém me viu, ninguém sabe ainda. Não ganhei nadinha hoje.

– Nadinha, Tomco.

– O primeiro dia, não é, cara?

Carniça, como se se lembrasse dos dias em que corriam juntos pelas ruas, deu de repente um empurrão no amigo, e saiu em disparada na frente. Tonico o acompanhou, ambos achavam graça e estavam felizes.

– A gente tem que estar prevenido, bicho – disse Carniça. – Se dormir no ponto o jacaré abraça.

8

Chegaram em frente à casa de Tonico.

– Vou embora, Carniça - disse ele.

– Tá na tua hora, não é?

– Vou buscar tua caixa.

– Tá legal, bicho.

Dona Corália estava na janela quando viu o neto se aproximando. Falou bem alto:

– Está na hora do jantar, Tonico.

– Sim, vó.

Carniça tentou se esconder por trás de uma árvore.

– Ela já me viu.

De fato ela já tinha visto Carniça e foi logo apanhar a sua caixa de engraxate. Agora, na porta da casa, gritava para o neto:

– Mande seu amigo levar isso.

– Eu vou lá apanhar – disse Carniça. – Ela tá inteira?

– Tá e todo o material está dentro – disse Tonico. Aproximaram-se de dona Corália. Carniça pegou desconfiado a caixa e saiu correndo. De longe, gritou:

- Amanhã apareço lá no armazém, Tônico.
- Ele não tinha sumido? - Dona Corália estirou o beijo no rumo de Carniça.
- Estava em Minas, com a mãe - falou Tônico.
- Vá lavar as mãos pro jantar.
- Está bem, vá.

Tônico entrou em casa, viu a mãe na sala e correu pro banheiro, para não ter de explicar que não ganhara nada ainda com a cadeira nova.

Na mesa, foi dona Corália quem perguntou:

- E a graxa, Tônico?
- Hoje não deu, vá – e olhou com o rabo do olho pra mãe. – Seu Gonçalves disse que o primeiro dia é sempre assim.

– Será que vai ganhar algum dinheiro com isso, Tônico? – a mãe perguntou.

– Vou, sim, mãe, vou ganhar um bom dinheiro e a gente não vai mais passar tanta precisão.

– Deus te ouça, meu filho – disse dona Corália.

Depois do jantar, seu Severino apareceu com um jornal debaixo do braço e um livro. Foi vendo Tônico e foi dizendo:

– Olhe, aqui está o material pra você pesquisar sobre a tal ecologia.

– O senhor encontrou, tio?

– Encontrei um livro que fala nisso, e nesse jornal aqui tem também uma coisa sobre os bichos.

– Os bichos, tio?

– Os animais. A ecologia é uma ciência – disse seu Severino, olhando pra mãe e a irmã, como se fosse um entendido no assunto. – Uma ciência que defende a vida de todos os animais. Diz aqui, olhe Tônico, que a vida do homem depende da proteção dos outros seres vivos, até das plantas. Ouça: "Sabe-se, atualmente, que a sobrevivência do homem não pode ser isolada da sobrevivência de outras espécies vivas, que compõem seu ambiente. A ameaça à natureza é o fim da vida na terra, e poluição é justamente a alteração das características de um ambiente a ponto de romper o ciclo de energia, tornando, assim, este ambiente, impróprio às formas de vida".

– Quer dizer, tio – falou Tônico – que não se deve matar bicho nenhum, nem matar as plantas também?

– Isso mesmo. Leia um pouco deste livro e faça o seu trabalho. Neste jornal tem também matéria sobre o assunto. E fala nos direitos dos animais, Tónico.

– Direitos dos animais, tio?

– Sim. Assim como os homens têm os seus direitos assegurados por leis, os animais também já têm os seus. Veja aqui o que diz este jornal: "Em 1977 constituiu-se em Genebra a Liga Internacional dos Direitos dos Animais. Finalmente, em 26 de janeiro de 1978, em Bruxelas, foi oficialmente aberto o Ano Mundial dos Direitos dos Animais. Como primeiras providências em defesa dos princípios da declaração, foram feitas propostas contra a caça de animais como a foca, a baleia e a raposa, e pela proibição de crianças assistirem às touradas na Espanha".

– Tónico vai ter de escrever sobre tudo isso, Bio? – falou dona Zen, meio impaciente.

– Tónico vai fazer apenas um resumo.

– Isso mesmo, mãe, o professor pediu uma pesquisa sobre ecologia. Eu leio isso aí que o tio trouxe pra mim e escrevo trinta linhas. E assim estou também aprendendo. E já aprendi o que é ecologia. Vovó e mamãe também aprenderam, não foi?

As duas mulheres não disseram nada, acharam graça meio desconfiadas e seu Severino voltou a falar:

– Com todo esse negócio de ecologia, Tónico, ainda não perguntei como é que foi o dia lá na porta do armazém.

Tónico voltou a ficar triste:

– Ora, tio, não foi bom, não. Não engraxei nada.

– E o pior – disse dona Corália – o tal de amigo Carniça já anda de novo rondando por aqui.

– Ele apareceu? – perguntou o tio.

– Apareceu, sim, senhor, e levou a caixa dele. Tio?

– Fale, Tónico.

– Será que o Carniça não podia trabalhar comigo?

– Com você? Como?

– Bem, de manhã estou na escola e a caixa está lá parada. Assim, se ele trabalhasse de manhã e eu de tarde, a gente ia ganhar uma nota melhor, não é?

Dona Corália e dona Zen deram logo o contra, "onde já se viu andar às voltas com um moleque de rua", disse a avó.

Seu Severino, sempre mais paciente, e para não contrariar Tonico, disse que ia pensar no assunto.

9

No dia seguinte, Tonico estava mais preocupado com a ausência de fregueses para engraxar os sapatos. "Será que devo baixar o preço? Será que Carniça tem razão? O pessoal daqui do subúrbio é todo duro", pensava.

Mas de repente o primeiro freguês apareceu. Era um senhor de cabelos brancos. Foi chegando e foi dizendo:

– Como é, rapaz, sabe engraxar mesmo?

– Sei, sim, senhor, é só sentar aqui.

Tonico, já com alguma prática, se esmerou nos sapatos pretos do homem.

– Com tinta, freguês? – perguntou antes.

– Com tinta e no capricho – disse o homem.

– Pode deixar.

A estréia da cadeira estava feita e Tonico morto de contente porque o primeiro freguês ainda lhe dera um cruzeiro

de gorjeta, "pra caixinha", ele disse.

E até à tardinha, quando apareceu de novo Carniça,

Tonico tinha engraxado mais três pares de sapatos.

– Hoje foi melhor - disse para o amigo.

– Acho que hoje vou me largar pra zona Sul com a minha caixa, Tonico.

– E aqueles meninos?

– Ora, não tenho medo deles, não.

– Sabe o que disse pra meu tio ontem?

– O que foi?

– Que queria você trabalhando aqui comigo.



– Com tinta, freguês? – perguntou antes.
– Com tinta e no capricho – disse o homem.

- Tu disse isso, Tonico? E o que ele falou?
- Que ia pensar. Mamãe e vovó deram o contra.
- E se teu tio achar bom, como é que a gente faz?
- Tu vem de manhã e eu de tarde. No fim do dia a gente divide a grana.

Topa?

- Se topo, cara, vai ser legal. E o material da graxa, como é que fica?
- A gente compra junto. Sócio faz é assim.
- E quando é que teu tio vai dar a resposta?
- Logo, logo, acho que hoje ele passa por aqui antes de fechar o armazém.

Enquanto conversavam, seu Gonçalves se aproximou e foi logo perguntando se Carniça não era um daqueles meninos da favela, "aqueles moleques baguncentos", disse.

– Eu sou da favela, mas não faço bagunça - falou Carniça. – Taí o Tonico que sabe, não é, Tonico.

- Isso mesmo, seu Gonçalves, o Carniça é meu amigo.
- Não quero muita prosa fiada na minha porta.

Seu Gonçalves não estava num bom dia. Deu as costas para os dois e voltou pra dentro do armazém.

- Ele é assim mesmo - disse Tonico - mas é boa pessoa.
- Será que ele vai topa eu trabalhar aqui?
- Topa, sim, basta titio falar, ele topa. São amigos, de vez em quando saem juntos por aí. -

– Vou esperar aqui pelo teu tio. É melhor trabalhar aqui, Tonico, do que sair por aí, tendo que pegar esse trem miserável.

- Pode esperar, titio vem logo.

Já estava escurecendo quando um rapaz se aproximou da cadeira de Tonico e perguntou quanto era a graxa.

- Cinco cruzas – se adiantou Carniça.
- É, cinco cruzeiros –confirmou Tonico, não gostando que o amigo tivesse falado antes.

O rapaz se sentou e então Tonico disse assim pro Carniça, mas bem baixinho pro homem não ouvir:

- Engraxe esse aí, você vai treinando pra sócio, e quando tio Severino chegar digo logo que tu passou na prova.

Carniça botou os dentes estragados pra fora e foi logo pegando na escova grande e passando n9s sapatos do freguês.

E fez um trabalho caprichado, ora assoviando ora contando algum caso pro Tônico. E Tônico feliz: tinha a sua bela cadeira de engraxar e ainda por cima o amigo estava trabalhando com ele. Mas de repente parou pra pensar melhor:

e se tio Severino der o contra? Como é que fica Carniça? Olhava pro amigo e se sentia satisfeito com a sua felicidade.

Trabalho pronto, o freguês pagou, olhou os sapatos pela frente, por trás, meteu de novo a mão no bolso e deu mais dois cruzeiros pro Carniça. Este abriu a boca:

– Legal, moço, de outra vez ainda capricho mais.

E gritou:

– Caixinha, obrigado.

Estirou as cédulas para Tônico.

– Pode ficar com tudo, bicho, meu trabalho não é nada.

– A metade é tua disse Tônico.

– Que nada, eu só fiz um treino. Mesmo não tá nada resolvido, não sou teu sócio nem nada ainda.

– Tá certo.

Até escurecer não apareceu freguês nenhum. Os dois continuaram conversando e. Tônico de olho na esquina pra ver se o tio aparecia.

Quando seu Gonçalves e o empregado começaram a fechar as portas do armazém, e Tônico foi empurrando a cadeira com Carniça pra dentro, seu Severino apareceu.

10

Tônico largou a cadeira no meio do caminho e correu no rumo do tio.

– Hoje fiz uma boa grana, apareceu freguês assim, o negócio foi muito bem.

Seu Severino deu boa-noite pro dono do armazém e sorriu com a alegria do sobrinho. Olhou pra Carniça com o rabo do olho e voltou a olhar para Tonico, como se quisesse dizer: "e este aí, que está fazendo por aqui?"

– Carniça me ajudou hoje, tio – disse Tonico, já preparando o caminho para a resposta de seu Severino. E ia

ser uma resposta boa, ele sabia.

Cadeira guardada, o dono do armazém se despedindo com o empregado, Tonico guardando a chave do cadeado da gaveta de sua caixa – Carniça na porta, de longe, olhando tudo – depois seu Severino pegando a mão de Tonico e caminhando no rumo de casa.

– O Carniça tá ali, tio – apontou Tonico.

Ele se aproximou, tinha os olhos mais vivos, em expectativa, ficou meio de lado, o tio de Tonico parece que não queria falar no assunto, e sabia o que era que o sobrinho estava esperando. Mais adiante falou, como se tivesse pensado muito no assunto.

– Bem, Tonico, você quer o seu amigo de sócio da cadeira, não quer?

– Quero, sim, tio, e Carniça quer também. Ele disse que já está cansado de pegar trem e de levar tapa dos moleques.

Carniça se aproximou mais dos dois.

– Bem, eu concordo sob uma condição – disse seu Severino.

– Condição, tio? O que é isso?

– Condição é o mesmo que obrigação.

– Eu tenho que ter alguma obrigação, além do trabalho?

– Não, seu amigo aí.

Carniça arregalou os olhos.

Tio Severino continuou:

– Eu concordo que ele trabalhe com você, Tonico, se ele for estudar.

– Estudar, tio?

– Sim, no colégio, estudar assim como você, pra não ficar por aí aprendendo maus costumes.



– Carniça me ajudou hoje, tio – disse Tônico, lá preparando o caminho para a resposta de seu Severino.

Tonico ficou meio tonto com aquela conversa.

Carniça fez uma careta e também não entendeu. Seu Severino explicou.

– Ele trabalha de manhã e você de tarde, não é Tonico?

– Assim mesmo, tio.

– Pois bem, de noite ele estuda. E eu vou fiscalizar esse estudo.

Carniça se interessou mais.

– E como é que eu faço, seu Severino?

– Você tem certidão de idade?

– Certidão?

– Sim, sua mãe não registrou você no cartório quando nasceu?

– Não sei, não senhor, é capaz de não ter feito isso, ela não liga muito pra essas coisas.

– Então pergunte a ela e traga a certidão e a gente vai na escola noturna e matricula você. Sabe ler?

– Sei, sim, senhor.

– Onde diabo aprendeu?

– Minha mãe me ensinou um pouco, eu aprendi o resto.

– Que resto?

– O resto, ora. Fui olhando as letras e aprendendo, nome de ônibus, de casa de comércio, esses jornal estirado nas bancas.

– E escrever?

– Escrever? Eu me arranjo.

– Como se arranja?

– Eu já tive num grupo, faz tempo, aprendi a escrever o nome, a fazer cópia, ditado.

– Se já estive num grupo, você tem certidão de idade.

– E, sim, senhor, acho que sim, não me lembro. Um dia, eu era muito pequeno, minha mãe ia viajar e me entregou pra uma professora e ela me levou e eu aprendi alguma coisa.

Tonico ouvia a conversa empolgado. Carniça era um cara danado de esperto, vá ver sabia ler melhor do que muita gente de couro calejado em cadeira de colégio.

E ficaram combinados de no dia seguinte Carniça trazer a tal certidão de idade. Só que o amigo de Tonico tinha uma preocupação maior na cabeça.

– Seu Severino?

– Diga, Cam... Bem, afinal de contas como é mesmo o teu nome?

– É Valte. . . – disse Carniça meio encabulado.

– Valte? Válter, não é assim?

– É, sim, senhor, acho que é.

– Válter de quê?

– De quê?

– Sim, como é o nome do teu pai, da tua mãe.

– Papai não sei, era José não sei de quê, acho que era da Silva. Minha mãe se chama Marilda.

– Marilda da Silva?

– Acho que é isso.

Carniça olhava para Tonico e se sentia encabulado de revelar tanta coisa sobre a sua família. Na verdade falava agora em coisas que nunca tinha falado antes pra ninguém.

Então fez a pergunta que estava mais perturbando a sua cabeça:

– Seu Severino... e como é que eu vou pegar as minhas peladas?

– Que peladas?

Tonico achou graça em silêncio. Seu Severino ficou em expectativa.

– Como é que vou jogar bola? Na semana que vem vou pro Bonsuça treinar – e gingou o corpo de leve, endireitando-se a seguir, por causa do respeito ao tio de Tonico.

– Não sei – disse seu Severino. – Você trabalha com o Tonico, estuda e se quiser bater bola arranja tempo. Não vái ter a tarde livre?

– É... mesmo.

– E então. Não é de tarde que todo mundo treina?

– É, sim, senhor.

– Ou não quer topar a sociedade com Tonico porque vai ter que estudar?

– Não é isso, seu Severino. Eu quero estudar também. Tonico vai ser um doutor – olhou para o amigo – e eu vou ser um jogador de futebol que sabe ler e escrever, e falar bem nas rádios...

– Ah, é, hein?

Carnaça se despediu perto da casa de Tonico, dizendo que ia pegar a certidão de idade com a sua mãe, e foi correndo na direção da favela.

– E um menino vivo - comentou seu Severino. E se virando pra Tonico: – E agora está satisfeito?

– Estou, tio. E mamãe e vovó? Elas não gostam do Carniça, acham que ele é moleque de rua, só porque o coitado tem que trabalhar pra viver, a mãe sozinha lá em cima do morro, lavando roupa, fazendo um biscate qualquer.

– Pode deixar que vou dizer a elas que o Carniça vai estudar, tratar dos dentes, andar com uma roupinha melhor, e trabalhando com você vai ajudar no orçamento. Uma cadeira de engraxate parada meio dia é um desperdício.

Despediu-se do sobrinho e disse que só no dia seguinte ia passar na sua casa. "Enquanto isso não precisa dizer nada sobre a sociedade com Carniça."

– Até amanhã, Tonico.

– Tio, o senhor é legal, obrigado pelo Carniça.

– Ora. . vá pra casa. Não tem aquela pesquisa pra fazer?

11

Carnaça subiu o morro entusiasmado com a novidade de ir trabalhar com o amigo Tonico.

Chegou no barraco onde morava e foi gritando:

– Mãe, quero minha certidão de idade.

A mulher estava na cozinha, remexendo alguma coisa num fogão de barro. Havia um leve cheiro de comida no ar. Mais atrás, já fora do barraco, algumas peças de roupa secavam num varal, quase penduradas na beira do morro. De longe eram como bandeiras multicoloridas balançando ao vento.

Mais perto, Carniça tornou a gritar:

– Mãe, minha certidão de idade.

– Que conversa é essa, menino? – disse a mulher.

– Mãe, preciso da certidão, senão não posso ir pra escola, o tio de Tonico falou..

– Espere aí, quem é Tonico, que escola é essa? – a mulher botou as mãos nas cadeiras.

– Tonico é um amigo meu e o tio dele vai me botar na escola. E é por isso que precisa da certidão.

– Estudar? Você vai estudar, menino? – ela ainda não acreditava no que ouvia.

– Vou, mãe, eu quero ir pra escola, como o Tonico e outros meninos. E também vou trabalhar na cadeira de engraxar do Tonico, vou ser sócio.

Carniça tinha os olhos brilhando de satisfação, mas sua mãe, acostumada quase a não conversar com o filho, estava demorando a entender aquele monte de novidade.

– Espere aí – disse ela – devagar com o andor. Vai pra escola e vai trabalhar com esse tal de Tonico?

– Isso mesmo, mãe, na cadeira de engraxar do Tonico. Eu trabalho de manhã e Tonico de tarde. Mas seu Severino, o tio dele, não sabe, só deixa eu trabalhar se eu for estudar na escola de noite. Ele pediu a minha certidão de idade, disse que a senhora tinha.

– Eu?

– Ele disse, mãe, que todo menino que nasce tem que tem uma certidão de idade. Falou que todo mundo é registrado num cartório.

– Ah! - a mulher se lembrou. – Mas eu sei lá onde anda essa certidão.

– Não está na mala? Procure, mãe, procure - Carniça estava apreensivo.

Enquanto a mulher remexia uma mala velha, Carniça ia falando:

– Vai ser legal, mãe, vou estudar e depois jogar no Bonsuça, e vou ganhar uma nota firme com o Tônico, a senhora vai ver.

A mulher resmungava:

– Sei lá onde está isso. Você só me traz confusão, menino.

Carniça acompanhava todos os movimentos da mãe. Um candeeiro de querosene iluminava mal o ambiente. Ela foi tirando da mala algumas roupas velhas, um chapéu de palha, uma bolsa de couro, umas latas e por fim apanhou uma caixa, dessas de charuto suerdique. Abriu a tampa, remexeu, pegou um papel. desdobrou, foi mais para perto da luz e disse:

– Acho que é isso aqui, meu filho.

– Oba, oba – Carniça pulou de contente.

A mulher tentava ler o documento:

– "No registro de nascimento consta o nome de Válder da Silva, sexo masculino, cor preta, nascido às três horas da tarde do dia 23 de dezembro de 1964, filho legítimo de José Nonato da Silva e Marilda Costa da Silva, mineiros, casados, residentes nesta cidade do Rio de Janeiro.

– E isso mesmo, mãe? – interrompeu Carniça.

– Só pode é ser, ora – a mulher lhe entregou o documento.

– Amanhã levo pro Tônico dar pro seu Severino. Mãe?

– Que é agora? - ela tinha voltado ao fogão.

– Seu Severino disse que pra ir na escola eu tenho que ter uma roupa mais legal. Onde está aquela que usei em Minas?

– Táí na mala.

– Posso vestir amanhã, mãe?

– Pode, mas se chegar por aqui emporcalhado vai levar um cacete dos diabos.

– O sapato novo também, mãe?

– Já falei: sujou, apanhou.

– Vou passar uma graxa legal no sapato, vai ficar brilhando que nem um espelho. Não vou sujar nada, mãe. juro.

Carniça se recolheu a um canto do barraco, num colchão velho em cima de um estrado, onde às vezes ele pernoitava. Botou sua velha caixa de engraxar ali perto e tirou a camisa. já se preparando pra dormir. Foi quando ouviu a mãe perguntar:

– Já comi alguma coisa hoje?

– Comi uns bagulhos por aí, mãe. O tio do Tonico pagou um picolé.

– Aqui tem feijão e arroz na panela. E uns tomates.

– Já comi, mãe, estou é com sono – Carniça se espreguiçou.

Ele estirou a cabeça e viu, de onde estava, a mãe botando carvão num velho ferro-de-engomar, para passar algumas roupas de sua freguesia. Não estranhava aquele seu trabalho, era sempre assim. De dia lavava as roupas das madames e de noite passava. Às vezes ficava até muito tarde naquele trabalho.

Carniça voltou a pensar na bonita cadeira de engraxar de Tonico e nas promessas de seu Severino. Estava feliz, mas antes de adormecer, ainda se perguntava: "Será que a mãe de Tonico vai deixar a gente ser sócio?"

12

Tonico pela manhã voltou à escola. Na hora do café ficou com uma vontade danada de falar pra mãe e pra avó sobre o que o tio Severino tinha prometido ao Carniça. Mas se conteve e não falou coisa alguma. Dona Corália desconfiou daquele silêncio:

- Tônico, o que é que você tem hoje? – ela perguntou.
- Como, vó?
- O que você tem, tão calado assim?
- Nada. Nadinha mesmo, vó.
- Bem, está na hora de ir pra escola.

Ele se despediu da mãe, beijou a avó, pegou sua pasta com os livros e saiu correndo. Ainda ouviu a mãe gritar:

- Tenha cuidado com os carros, meu filho. Não corra pelas ruas.

No colégio a rotina de sempre: ouvir as aulas, copiar os pontos, responder às perguntas do professor, fazer planos para os próximos dias. Mas a sua imaginação se concentrava mais nos planos de tio Severino: fazendo de Carniça o seu sócio, os dois iriam ganhar uma nota firme. E Carniça na escola, de roupa nova? Que troço mais engraçado. E quando consertasse os dentes, iria rir à toa, só para mostrar a dentadura nova.

Terminadas as aulas, Tônico correu pra casa. Chegou dizendo que estava atrasado e que tinha de almoçar logo pra ir para o trabalho. A mãe gritou da cozinha:

- Pois mude a roupa e tome o seu banho.

E tudo foi feito às pressas, dona Corália olhando para o neto desconfiada, sentindo que havia alguma coisa que ele não queria contar a ninguém.

Tônico entrou no armazém de seu Gonçalves mais feliz do que nunca. E o dono do armazém, como sempre fazia, ajudou-o a empurrar a cadeira para fora.

– Está um dia bonito, Tônico – comentou. – Vai ter muito sapato pra engraxar.

Tônico sorriu e aproveitou pra dizer logo:

– Seu Gonçalves, o Carniça vai trabalhar aqui comigo, vai ser meu sócio. Eu trabalho de tarde e ele de manhã. Tio Severino prometeu falar hoje com mamãe e vovó.

- O Carniça? Aquele menino da favela? – seu Gonçalves se admirou.

- Sim, senhor, aquele mesmo que esteve ontem aqui.

– Não é um moleque bagunceiro, Tônico? Ele não anda com aqueles pivetes do morro assaltando por aí?

– Nada disso, seu Gonçalves, o senhor está enganado. Carniça não se mistura com moleque nenhum. O dinheiro que ele tem, ele ganha trabalhando. Carniça gosta de andar por aí é sozinho, só anda com outros quando vai jogar futebol.

– Não sei, Tônico, não confio nesses moleques de morro – seu Gonçalves coçou a cabeça.

– Foi ele quem me deu a primeira caixa de engraxar. Carniça é legal, seu Gonçalves. O senhor deixa que ele trabalhe aqui também, deixa?

– Isso só depende do seu tio. Se ele convencer a sua família, por mim está bem.

– Oba! Obrigado, seu Gonçalves. Mesmo Carniça também vai estudar, tratar dos dentes. Jogar pelada, só na hora de folga, como eu também.

Seu Gonçalves sorriu, alisou a cabeça de Tônico e voltou para dentro do armazém.

Tônico começou então a chamar os fregueses para a graxa:

– Cinco cruzeirinhos, quem vai? Quem vai?

Não tardou a chegar o primeiro freguês do dia. E Tônico começou o seu trabalho, mais entusiasmado do que nunca, mas sempre de olho na esquina, à espera do tio e também do Carniça.

13

Lá pelo fim da tarde, próximo à hora do armazém de seu Gonçalves fechar, Severino chegou.

Tônico já estava com um bom dinheiro no bolso, a fêria do dia fora uma das melhores.

Ele arregalou os olhos e foi logo indagando:

– Tio, falou com mamãe? Com vovó?

– Falei. Como foi hoje de graxa?
– Fui bem. O que elas disseram? Concordaram? O que foi que disseram, tio?

– Elas querem primeiro conhecer o seu amigo de perto.
– De perto?
– Querem que ele vá lá conversar um pouco com elas. Vamos encerrar por hoje, guardar a cadeira e ir pra sua casa. Cadê o seu amigo?
– Ainda não apareceu, tio – disse Tonico apreensivo.
– Será que ele não vem?
– Não sei, Tonico, você é quem deve saber. Não ficou combinado pra ele aparecer hoje?

Tonico ainda ficou mais preocupado quando seu Gonçalves apareceu na porta, falou com seu Severino, e disse que estava na hora de fechar.

A cadeira foi guardada, seu Alfredo, o balconista, desta vez foi quem ajudou.

O armazém por fim fechado e Tonico de olho duro na esquina. Carniça não aparecia.

"Será que ele voltou pra Copacabana?", Tonico pensava.

– Acho que seu amigo não está interessado no negócio. não, Tonico – disse seu Severino.

– Está, tio, está. Deve ter acontecido alguma coisa com ele.

Seu Severino olhou para seu Gonçalves e seu Alfredo, que se despediam.

– Já souberam da novidade?

– Tonico me disse – falou seu Gonçalves. – O tal Carniça vai ser sócio dele na cadeira de graxa.

– O que você acha, Gonçalves?

O dono do armazém balançou a cabeça:

– Não sei, não sei. Ele sempre anda com uns moleques lá da favela. É um menino solto, que faz o que bem entende.

– Carniça não anda mais com aqueles moleques, não, seu Gonçalves - disse Tonico. – As vezes está com eles porque estão voltando do campo de futebol, é só isso. Ele não anda fazendo bagunça por aí, não.

Seu Gonçalves se despediu junto com seu Alfredo e foram embora rua abaixo.

Tonico então pediu ao tio que ficassem mais um pouco na esquina, esperando por Carniça. O tio concordou.

– Se ele atrasou, não foi por sua culpa, tio – disse Tonico, esfregando as mãos, suadas e frias.

Ele sentia que aquela era a primeira e única oportunidade para Carniça, e se ele não aparecesse, o tio seria capaz de cancelar tudo.

– Já sei – disse seu Severino. – Seu amigo voltou de novo pra Copacabana. Ele não gosta de trabalhar pros bacanas? Não gosta de ganhar dólar?

– Ele vai trabalhar comigo, tio – disse Tonico com firmeza.

Quando já estavam pra desistir, seu Severino dizendo "você precisa jantar, Tonico, sua mãe já deve estar preocupada", Carniça surgiu do outro lado da rua.

14

– Lá vem ele, vem ele – gritou Tonico.

Carniça atravessou a rua de um salto, tirou um fino num ônibus, e foi vendo seu Severino e entregando pra ele a sua certidão de idade.

– A certidão, meu nome todo é Válder da Silva, estava guardada no fundo de uma mala – os olhos de Carniça brilhavam e ele arfava de cansaço.

– Então quer mesmo estudar, não é? – perguntou seu Severino.

– Quero, sim, senhor, vai ser legal. Tonico e eu na escola e trabalhando aqui.

- É, mas primeiro a gente tem que ir lá em casa, Carniça – disse Tonico.
- Na tua casa, bicho?
- Isso mesmo, lá em casa. Minha mãe e minha avó querem conhecer você.
- E elas não me conhecem?
- Querem ver de perto – explicou Tonico. – Conversar.
- Conversar? Conversar sobre o quê?
- Não sei, cara, querem conversar.

Seu Severino entrou na conversa:

– Elas querem ver você de perto, Válter. Querem saber com quem Tonico vai trabalhar, que espécie de menino é você.

Carniça olhou a roupa suja, os pés descalços imundos. Seu Severino entendeu a preocupação dele:

– Elas sabem que você é pobre, mas poderia andar mais limpo, claro. Isso agora não vem ao caso, elas só querem saber se você é um bom menino, Válter.

– E como é que vão saber se eu sou um bom menino?

– Ora, conversando, trocando idéias.

– Mas, seu Severino, eu não sei conversar... direito ... assim como gente grande. Não estudei quase nada, agora é que estou querendo estudar, aprender mais.

– Ora, você conversa até muito bem, Válter, muito melhor de que muita gente grande.

– O senhor acha mesmo, seu Severino?

– Claro que acho. Bem, vamos indo, vamos indo que já está ficando tarde.

– Estou sem sapato... – Carniça ainda protestou à maneira de desculpa para não ir à casa de Tonico.

– Não faz mal, não já falei? – disse seu Severino.

– Vamos, Carniça – convidou Tonico.

O homem segurou os dois pela mão e foram andando. Carniça, meio desconfiado, olhava com o rabo do olho para Tonico. Este estava alegre, mas um pouco apreensivo com aquela estranha visita à sua avó e mãe.

15

Dona Corália já estava na porta de casa, preocupada, enxugando as mãos no avental de cozinha.

– Lá vêm eles – ela disse para dona Zenaide. Seu Severino chegou com os dois, cada qual mais espantado, deu boa-noite e beijou dona Corália no rosto e depois dona Zen. Carniça ficou na entrada, desconfiado, a vista abaixada para os pés.

– Vamos entrar, Válter – disse seu Severino.

Foram todos para a salinha de espera.

Dona Corália descobriu logo a sujeira de Carniça, seus pés cheios de barro, e foi perguntando:

– Você não toma banho não, menino?

Carniça tomou um choque com a pergunta, quis responder duro mas se conteve, e olhou com cara feia para a mulher. E pensou: "O que será que essa coroa quer comigo?"

– Sente aí – disse seu Severino, mostrando para ele um tamborete.

Dona Corália e dona Zenaide se sentaram num sofá, bem perto de Tonico, que tinha os olhos pregados no Carniça. Seu Severino se sentou numa poltrona.

– Esse, então, é o menino? – perguntou dona Corália.

– É o Válter, amigo do Tonico – disse seu Severino.

Tonico confirmou:

– Ele é meu amigo, vó, me ensinou a engraxar e me emprestou até uma caixa.

– E como é que ele vai trabalhar com o meu filho sujo desse jeito? – perguntou dona Zen ao irmão.

– Ele tem uma roupa melhor, não tem? – indagou seu Severino.

– Ele tem – gritou Tonico.

– Tenho – disse Carniça. – Amanhã a minha mãe vai me dar ela.

– E por que você quer trabalhar com o Tonico? – perguntou dona Corália.



Carniça ficou na entrada, desconfiado, a vista abaixada para os pés.

– Porque ele me convidou pra Sócio. Eu de manhã e ele de tarde, todo dia assim.

– Sócio?

– Sim, dona. Aí seu Severino disse que eu pra trabalhar com o Tonico precisava estudar também. Já trouxe minha certidão pra escola.

– Que escola? – perguntou dona Corália ao filho.

– O grupo escolar noturno, vou ver se arranjo, se tiver vaga.

– Quero trabalhar e estudar direito, assim que nem o Tonico – disse Carniça. – Depois vou jogar no Bonsuça e ser um jogador legal, assim como o Pelé e o Garrincha.

As mulheres se entreolharam e sentiram, naqueles poucos momentos, que Carniça era um menino vivo, esperto, e talvez mesmo fosse sincero no que dizia.

– Onde você mora? – perguntou dona Corália.

– Lá na favela, o morro do Dendê, fica depois da estação do trem.

As mulheres ficaram em silêncio.

Seu Severino falou:

– Escutem, vamos dar uma oportunidade ao Válter, está bem?

Como as duas continuassem em silêncio, seu Severino voltou a falar:

– Ele quer trabalhar, não quer? E quer estudar, e se não receber uma mãozinha nunca vai sair lá da favela, não é mesmo?

– É isso aí, seu Severino – disse Carniça. – O senhor tem toda razão – Carniça fazia força pra falar direito.

– Está bem, a gente concorda – disse dona Corália, depois de olhar para dona Zen e esta bater com a cabeça afirmativamente.

– Oba! – gritou Tonico e correu pra junto de Carniça.

Ele falou baixinho pra Tonico:

– Vai ser legal, cara, só nós dois engraxando o sapato de todo mundo por aqui.

Dona Corália falou:

Carniça ficou na entrada, desconfiado, a vista abaixada para os pés.

– Mas se ele faltar um só dia à escola e se fizer molecagem no trabalho, está tudo acabado, não é, Zen?

– Isso mesmo, mãe.

– Pode deixar, dona – disse Carniça, sorrindo para Tonico e escondendo com a mão os dentes estragados.

– Então está tudo combinado – disse seu Severino.

– Amanhã venha vestido direitinho que vou matricular você na escola – falou pro Carniça.

– Sim, senhor, seu Severino, e muito obrigado por tudo.

– Agradeça a elas e ao Tonico.

Carniça olhou para as mulheres com o rabo do olho e disse meio baixo.

– Muito obrigado, donas. Obrigado, Tonico.

– Não tem de quê, Carniça – quase gritou Tonico, todo satisfeito, empolgado mesmo.

– Me encontra amanhã no armazém do seu Gonçalves

– disse seu Severino. – Na hora que costuma chegar o Tonico, depois do almoço, pra gente combinar o resto.

– Sim, senhor, combinado, está tudo legal. – Carniça se virou para Tonico:

– Tudo legal, não é, cara?

Dona Corália encarou Carniça e ele, meio encabulado, a única coisa que conseguiu fazer foi coçar, no dedão do pé direito, uma frieira braba, que tinha arranjado lá pelo morro.

– Agora vamos jantar – disse dona Corália. – Bio, você fica pra jantar?

– Não, mãe, não posso, tenho umas coisas ainda a resolver. Mesmo não avisei nada em casa.

Dona Corália se virou para Tonico:

– E seu amigo aí quer jantar?

– Quer jantar, Carniça? – perguntou Tonico.

– Ele não tem nome?

– Tem, sim, vó.

– Meu nome é Válter; Válter da Silva, está na certidão de idade.

– Já jantou?

– Já, sim, senhora, comi uns bagulho lá com a mãe.

– Bagulho? – dona Corália arregalou os olhos.

Seu Severino teve um ar de riso, mas Tonico deu uma gargalhada. Carniça, mais que depressa, consertou:

– Comi uma sopa de macarrão com a mãe.

Dessa vez foi dona Zen quem falou:

– Comeu uma sopa?

– Ele quer dizer que tomou uma sopa com a mãe dele, não foi Válter? – disse seu Severino.

– É isso aí.

Carniça foi saindo com seu Severino. Não sabia se se despedia dando a mão ou se apenas dizia boa-noite. O que queria era se livrar da presença das duas mulheres o mais depressa possível. Já na porta, sendo levado pelo tio de Tonico, gritou:

– Boa noite, donas.

16

Num grupo escolar noturno, perto da casa de Tonico, foi onde seu Severino matriculou Carniça. E como ele não tinha nenhum documento de escola, foi para o primeiro ano do primeiro grau, onde quase todos os estudantes eram menores do que ele.

No encontro marcado com o tio de Tonico, Carniça apareceu vestido direitinho, uma calça Lee azul, uma camisa marrom, de manga comprida, e até estava penteado.

– Quase não te reconheci, cara – disse Toníco.

– Ele está muito bem – falou seu Severino.

– Está bacana, tio – disse Tonico apreciando a nova fachada do amigo.

– Bem, vamos passar lá na escola e amanhã você pega o trabalho aqui com o Tonico, não é?



*No encontro marcado com o tio de Tonico, Carniça apareceu vestido
direitinho, e até estava penteado.*

– É, tio, amanhã ele já pode engraxar pela manhã e eu de tarde. Está tudo certo, não está, Carniça?

– Tudo legal. Legal até demais.

Carniça estava meio sem jeito na roupa nova. Despediu-se de Tonico e saiu com seu Severino.

O dono do armazém apareceu na porta, disse:

– Como é, sua avó e mãe toparam?

– Toparam, sim, senhor. Amanhã Carniça começa de manhã, o senhor ajuda ele, não ajuda, seu Gonçalves?

– O que puder fazer, faço. E, Tonico, será que ele vai andar direito?

– Direito, seu Gonçalves? Carniça é um menino direito, posso até garantir.

– Sabe do que tenho medo, Tonico?

– Não, senhor, do que é?

– Que seu amigo acabe trazendo tudo quanto é moleque do morro pra cá. E assim vai espantar até a minha freguesia.

– Ele não vai fazer isso, não, seu Gonçalves. Agora o que pode acontecer é eles aparecerem por aqui, mas o Carniça sabe se defender.

– Avise a ele, Tonico. No dia que fizerem alguma chacinha por aqui, falo com seu tio, e o ponto da graxa está acabado. Paga o justo pelo pecador. Sabe do que estou falando?

– Não, senhor.

– O que quero dizer é que se o Carniça fizer bagunça, você que não fez nada vai pagar também.

– Não vai acontecer nada disso, seu Gonçalves. Carniça agora vai estudar e precisa ganhar mais dinheiro pra comprar roupa e livros.

– Vamos ver, Tonico, vamos ver.

Seu Gonçalves estava meio enfezado naquela tarde, mas Tonico não se importou muito e tratou de chamar os fregueses para a graxa, e até a hora de fechar ainda conseguiu mais um pouco de dinheiro.

Ele estava na expectativa pelo começo da sociedade com o Carniça. Já tinha pensado em repartir os lucros. Ambos dividiriam as despesas com o material da cadeira e depois era só repartir o que sobrasse. E planejou que todo fim-de-semana seria feito assim, para que tudo corresse certo.

17

Tudo ia caminhando normalmente: Carniça estudava de noite, trabalhava de manhã na cadeira de Tonico e até já tinha comprado uma calça nova e uma camisa, para que sua mãe pudesse lavar a roupa que ele usava já há mais de uma semana.

Toda tarde, no fim do expediente de Tonico, aparecia pela porta do armazém, não apenas seu Severino – preocupado também ãom aquela sociedade – mas o próprio Carniça, que já tinha dado as suas horas de trabalho. Ele estava tão encantado com a cadeira nova que, se fosse possível, trabalharia o dia inteiro, sem descanso. As vezes estava voltando do jogo de futebol e contava as novidades para Tonico.

- Hoje só fiz dois gols, cara.
- Tá virando perna-de-pau? - perguntou Tonico.
- Nada disso. Apareceu um lateral no time deles, um cara grandão que bota pra quebrar. Perto dele não passa nem mosquito, que dirá bola e canela.
- E a escola? - perguntou seu Severino.
- Tá legal - disse Carniça. - Já estou lendo em livro mesmo, Tonico, e fazendo até cópia.
- Cópia?
- Você nunca fez cópia, cara?
- Não sei, não me lembro, só se foi quando eu era muito pequeno.

– A cópia é pra melhorar a letra, bicho. A gente escreve dentro daquelas linhas – explicou Camiça.

– Você quer dizer caligrafia, não é, Válter? – indagou seu Severino.

– É isso aí, sim, senhor.

– E sua letra está melhor?

– Está ficando bacana, bem redondinha e certa, não saio da linha uma só vez. É legal às pampa.

– Ainda bem que tudo está bem – disse seu Severino.

– Os caras lá do campo de futebol, quando me viram de roupa nova, me deram um baile. Tive que correr, eles queriam me batizar.

– Batizar como? – perguntou o tio de Tônico.

– Quando aparece um cara de roupa nova, eles pegam tudo junto e jogam o cara num córrego de lama que tem lá peno. Agora eu só vou lá com a minha roupa velha. A mãe lavou e passou e ficou até legal.

– E lá no campo eles sabem que você está aqui, trabalhando, Carniça? – perguntou Tônico, apreensivo.

– Tive que dizer, cara, eles encarnaram em mim o tempo todo, mas disse que a cadeira era do teu tio, um homem brabo.

– E se eles vierem bagunçar aqui? – Tônico perguntou e olhou pro seu tio.

– Se eles vierem eu chamo a polícia, ora – disse Carniça. – Mesmo eu sei me defender.

– Vamos concordar uma coisa, Válter - disse seu Severino.

– Sim, senhor.

– Se aparecer algum moleque por aqui fazendo algazarra, chame lá dentro seu Gonçalves e recolha a cadeira, está certo?

– Tá legal, sim, senhor. Faça assim mesmo como o senhor está dizendo.

– É melhor. Até eles irem embora. Não se envolva com eles, senão vão pensar que você está metido também com os encenqueiros, eu conheço esses meninos do morro.

– Sim, senhor, pode deixar.

– Jogue lá a sua pelada na hora de folga e pronto. Se eles perguntarem alguma coisa sobre a cadeira, sobre a graxa, não diga nada, desconverse, caia fora.

– É o que vou fazer, seu Severino, não precisa se preocupar, nem o Tonico. Não quero nada com eles, a gente só se encontra mesmo lá no campo.

Tonico, toda vez que chegava em casa, após o trabalho, contava, cheio de alegria, para a vó e mãe como tudo estava indo.

– Hoje o Carniça engraxou mais do que eu, vo.

– Carniça, Carniça, até quando você vai tratar o seu amigo assim?

– É que eu não tenho jeito de chamar ele de Válter, vó, não parece a mesma pessoa.

– Ora, que engraçado. Pois vá chamando de Válter até se acostumar.

– Tá bem, vá. O Válter... – Ionico fez uma cara feia. – O Válter é muito esperto.

– Só espero que não seja esperto demais – disse dona Zenaidc.

– Mãe, com o lucro da semana passada, ele... o Válter já comprou uma roupa nova, calça e camisa, e disse que passou no ferro-velho e comprou, pra mãe dele, um ferro de passar roupa quase novo, desse de botar carvão. O que ela tinha, sabe, vá? já estava até sem pegador. A mãe dele passava roupa segurando em cima com um pedaço de borracha. Quando esquentava muito a mão, ela parava, esfriava os dedos, e começava de novo.

– Coitada, como é que podia trabalhar assim? – disse dona Corália. – Bem, o seu amigo mostrou que é um homem e que tem amor pela mãe.

– Não disse, vá, que o Carniça era legal?

Dona Corália arregalou os olhos no rumo do neto. Tonico emendou:

– O Válter, o Válter...

18

As coisas na casa de Tonico estavam melhorando também. Além do bom dinheiro da graxa, dona Zen finalmente conseguira no INPS a liberação da sua pensão.

Tonico, por outro lado, sentia o seu afastamento das peladas junto com Carniça, quando apreciava mais o jogo do amigo do que mesmo jogava o seu futebol. Um trabalhando de manhã e o outro de tarde, ficava muito difícil se encontrarem no campo. Aos domingos, quando não engraxavam – era o dia de folga dos dois - não podiam jogar bola porque o campo estava tomado por gente grande, jogador de camisa de clube e chuteira. Mas Tonico se conformava com a situação, pois via o dinheiro entrando na sua cadeira de engraxar e sabia também que o amigo Carniça estava satisfeito.

Mas um dia aconteceu.

E aconteceu pior do que seu Gonçalves e seu Severino esperavam.

No turno de Carniça, um dia, quando ele já guardava o material de engraxar, para passá-lo a Tonico, que estava para chegar, apareceram quatro pivetes e foram gritando pelo nome de Carniça e um deles dizendo:

– É um assalto, cara.

E exibia um revólver enorme:

– Manda a grana logo, cara.

Carniça tomou um susto danado e teve espírito para

– A grana... já foi recolhida pelo dono do armazém, não tem grana nenhuma aqui.

– Então vamos lá dentro espremer o coroa - falou um outro pivete.



– Olha, cara, toda semana agora a gente passa por aqui para cobrar a “proteção”. Está avisado.

Então Carniça resolveu abrir a caixa da cadeira e entregar todo o dinheiro que tinha apurado até aquela hora. Enquanto os outros remexiam tudo, atrás de mais dinheiro,

pensou:

"Eles chamaram pelo meu nome, mas eu não conheço eles, nem mesmo lá do campo".

O mais velho dos meninos, o que tinha a arma, encostou a boca no ouvido de Carniça e disse, autoritário:

– Olha, cara, toda semana agora a gente passa por aqui pra cobrar a "proteção". Está avisado.

– Que.. . que proteção?

– Não sabe o que é "proteção", á meu?

– Ele é um otário - disse outro menino.

O que tinha o revólver voltou a falar:

– A gente vai "proteger" a tua cadeira dos maus elementos. Tu paga e tudo fica garantido, certo?

Carniça olhou bem de perto aquele revólver esquisito a mão do pivete. Pensou assim: "Essa coisa é de brinquedo", teve vontade de reagir, ou de gritar por seu Gonçalves, mas tudo foi muito rapido, os quatro meninos saíram logo correndo no rumo da favela.

Carniça ficou tremendo, mais de raiva do que de medo.

– Eles me pagam – resmungava. – Eles me pagam, vão ver, agora eu conheço a cara deles.

Pensou em Tônico. Pensou apreensivo em seu Severino.

"Se eu disser que fui assaltado eles não vão acreditar.

Vão pensar que gastei o dinheiro ou escondi pra mim sozinho."

Carniça arrumou de novo na caixa o material que os meninos tinham espalhado. Sentia os olhos ardendo, como se fosse chorar. E ao se lembrar de choro, não sabia bem quando tinha chorado pela última vez. Talvez uma surra da mãe, quando era menor, ou quando perdeu o único dinheiro que tinha pra comer, um dia em Copacabana. Sabia agora: entrou ntni restaurante e viu que era um restaurante grã-fino: "vão me expulsar daqui", pensou.

Entrou pela porta de serviço. Sentia o cheiro de comida e estava com fome, muita fome, nenhum tostão no bolso.

Então viu o ajudante de cozinha botando o lixo nos fundos, numa lata enorme. Aproximou-se, pensou em remexer naquilo, como uma vez fez numa lanchonete e encontrou um sanduíche quase inteiro e em bom estado.

O homem o descobriu, disse assim:

– O que é, menino? Isso é hora de andar na rua?

– O senhor não pode me arranjar um pouco de comida... – ficou envergonhado e acrescentou: – E prum gatinho meu.

– Um gatinho, né? – o homem achou graça.

Mas foi lá dentro e trouxe, num prato de papelão, um monte de comida: tudo misturado, farofa, arroz, legumes, uns pedacinhos de carne. Comeu ali mesmo, com certa ânsia, e de repente sentiu alguma coisa que escorria pelo seu rosto. Fungou e se descobriu chorando, em mistura com aquela ânsia de comer.

Carniça levantou os olhos e viu que Tônico se aproximava.

19

– Como é, cara? – gritou Tônico de longe. – Foi tudo legal hoje? Pegou muita graxa?

Carniça não respondeu, baixou a cabeça, triste. Tinha aquele mesmo aperto na garganta, quando comeu chorando em Copacabana.

– O que aconteceu, cara? – insistiu Tônico. – Não engraxou nada? Não apareceu freguês?

Ele desabafou:

– Engraxar, engraxe até muito, Tônico, mas entrei numa fria pra valer.

– Numa fria, Carniça? O que foi, o que foi?

– A cadeira foi assaltada.

– Assaltada? Quem assaltou, Carniça?

– Uns caras, acho que são do morro, não conheço nenhum deles, não, Tonico, juro pela minha mãe.

– Não são do campo de futebol, cara?

– Não, nunca vi eles nem mesmo lá no campo. É gente da favela que costuma ir pra cidade, não fica por aqui. Só pode é ser, e me apanharam e não pude fazer nada, eram quatro, cara, e um deles tinha um revólver.

– E levaram todo o dinheiro, Carniça?

– Levaram tudo, Tonico, tinha mais de sessenta cruzeiros aqui na caixa.

– Miseráveis, miseráveis.

– E agora, cara, o que é que seu Severino vai dizer?

– E seu Gonçalves, seu Alfredo, aqui no armazém, não viram nada, Carniça?

– Não viram nada, foi tudo muito depressa, apanharam o dinheiro, ameaçaram e correram.

– E, Carniça... – Tonico estava pensativo. – Seu Gonçalves vai pensar que foram seus amigos do morro e e bem capaz de querer a cadeira fora daqui.

– O que a gente vai fazer, Tonico? – Carniça estava quase chorando, não era mais aquele menino vivo e alegre.

– Teu tio também vai desconfiar, Tonico.

– Hein?

– Juro por tudo, quero morrer cheio de ferida, quero morrer atropelado por um trem da Central, que não conhecia aqueles caras e não tive nada com isso. Tu acredita em mim, Tonico, acredita?

– Acredito, Carniça. A gente explica tudo pro tio e pro seu Gonçalves.

Tonico coçou a cabeça.

– O diabo é que seu Gonçalves agora vai ficar com medo do armazém ser assaltado.

– Eles não querem nada com o armazém, querem so invocar comigo. E assim mesmo, quando encontram um cara trabalhando direito, querem logo bagunçar o coreto.

– Tu não disse que não conhecia eles?
– Não conheço não. Esses que assaltaram aqui não conheço não, Tonico, já disse. Mas é assim que uma turma faz, eu sei como é. Lá na favela tem uma turma que faz assim com o dono de uma birosca. E ele tem que pagar a "proteção" toda semana.
– Eles disseram que vão voltar aqui, Carniça?
Carniça baixou a cabeça, chutou uma pedrinha na calçada e disse com raiva:
– Vão voltar, cara, vão voltar.
Carniça estava cada vez mais desanimado.
– Então a gente tem que falar pro tio chamar a polícia disse Tonico.
– Não adianta, cara, eu sei. Um polícia não pode ficar por aqui o tempo todo.
– Vamos falar logo com seu Gonçalves – convidou Tonico. – Pode ser que ele tenha uma idéia.
– Vambora – concordou Carniça.

20

Os dois entraram no armazém e seu Gonçalves, que estava lá para os fundos, recebendo uns engradados de bebida, achou aquilo meio esquisito. Perguntou:
– O que houve?
– Seu Gonçalves... – começou Tonico – a nossa cadeira, quer dizer, a caixa., o dinheiro da graxa do Carniça foi assaltado.
– Que conversa é essa – seu Gonçalves se espantou.
– O dinheiro da graxa do Camiça foi assaltado?

Tonico tentou explicar melhor, Carniça de cabeça baixa:

– A cadeira de engraxar foi assaltada.

– Levaram a cadeira? – o homem ainda estava confuso.

– Não, senhor, levaram só o dinheiro, todo o dinheiro que o Carniça ganhou de manhã.

Seu Gonçalves olhou pro Carniça e este levantou um pouco os olhos do chão.

– Como é que foi isso? – indagou o homem.

– Foi tudo muito rápido – disse Carniça. – Foi uma turma, não conheço ninguém deles, juro, o Tonico sabe que não conheço.

– Ele não conhece – confirmou Tonico. – É uma turma de pivete, seu Gonçalves. Eles vieram cobrar a "proteção" aqui da cadeira, e vão voltar.

– Proteção?

– Sim, senhor – confirmou Tonico.

– Assim como no cinema? Como bandido faz?

– Isso mesmo, é isso aí – disse Carniça, como se se aliviasse um pouco ao sentir que seu Gonçalves compreendia agora tudo.

O dono do armazém ficou alguns segundos pensativo. Olhava para os dois, ali parados na sua frente.

Acabou falando:

– Vamos ver o que o tio do Tonico acha disso. Não é melhor comunicar à polícia?

Os dois meninos se entreolharam e nada disseram.

– Eles falaram que vão voltar, não falaram?

– Falaram - confirmou Tonico.

– E então?

– A gente fala com o tio pra ver o que ele acha.

– Está bem, Tonico - disse seu Gonçalves. - Voltem lá pra cadeira de vocês que eu vou cuidar da minha vida.

Os dois passaram a tarde trabalhando juntos, pra ver se cobriam o prejuízo. E Carniça se esgoelava todo, chamando todo mundo que passava pra engraxar os sapatos. Era como se se sentisse culpado pelo que acontecera.

De vez em quando ele perguntava ao amigo:

– Tonico, será que seu Gonçalves acreditou na história?

– Acreditou, tu não viu, cara?

– É...

Já à tardinha, os dois cansados do trabalho, tristes, quase na hora do armazém fechar, seu Severino apareceu.

– Os dois estão juntos hoje? – se admirou. – Não tem que ir pra escola, Válter?

– É que o Tonico... eu... seu Severino a gente...

– Camiça não sabia como começar.

Foi Tonico quem contou tudo. Seu Severino balançou a cabeça e disse desanimado:

– Estava tudo bom demais, isso tinha que acontecer. Ninguém pode trabalhar sossegado hoje em dia. Nem os pobres, nem as crianças. Por onde é que anda essa polícia?

– Seu Severino – disse Carniça, humilde, fungando.

– Não tive nada com esse peixe. Eu não conheço aqueles caras, o Tonico acreditou em mim. Eu não sou de turma nenhuma. E essa turma é da pesada, anda de arma.

– Eu sei, Válter, eu acredito em você. Não já acreditei mais de uma vez?

– Acreditou, sim, senhor.

– E então?

– Bem.., eu sou também lá do morro...

– Eles eram do morro?

– Correram pra lá, o morro é muito grande, nem a polícia sabe dos buracos que tem. Tem barraco que ninguém vê, dentro das pedras.

– Tio, o que a gente vai fazer?

– O que o Gonçalves achou disso?

– Disse que o senhor é quem resolve.

– Se aqueles cara voltar eu vou agarrar eles – gritou

Camiça. O rosto estava até mais branco, de tanta raiva. – Me agarro com o da arma e grito pra todo mundo acudir.

Pode ser que apareça até um guarda.

– Nada disso, Válter, valentia não adianta numa hora dessas. Arma é arma.

– Seu Severino.

– Diga, Válter.

– Não é por nada, não, mas a arma daquele cara parecia que era de brinquedo.

– Como pode saber? – perguntou Tônico.

– Eu conheço uma arma de verdade – Carniça falou com certo orgulho. – Foi tudo depressa, mas eu estava bem perto, cara. Mesmo aqueles molambentos não têm dinheiro nenhum pra comprar arma. Eles assaltam menino igual a eles, é só.

Botaram a cadeira pra dentro, o armazém foi fechado.

Seu Severino ainda perguntou a seu Gonçalves:

– Que acha disso, Gonçalves?

– É bom registrar pelo menos a queixa na delegacia.

Carniça, Tônico e seu Severino saíram juntos. Na esquina, o tio de Tônico falou:

– Vou comunicar no distrito o que houve. Pode ser que eles coloquem mais policiamento na rua. Tônico, não diga nada na sua casa, sua mãe e sua avó não precisam saber nada disso, só iriam ficar preocupadas.

– Tá bem, tio.

21

A rotina foi retomada no dia seguinte.

Carniça estava cumprindo o seu horário na escola e na cadeira de engraxar, e ainda jogava as suas peladas. E chegava sempre contando pro Tônico os gols que fizera:

– Qualquer hora dessa vou treinar no Bonsuça.

Seu Severino, como tinha prometido, um dia de tarde passou pelo armazém e disse para o Carniça:

– Válder, você agora estuda, trabalha, e só falta consertar esses cacos de dentes.

– Eu quero consertar mesmo, seu Severino. Será que não dói muito?

– Ora, que nada. O Tônico vai de vez em quando tratar dos dentes dele e agüenta até o motor.

– Motor? – Carniça cresceu os olhos.

– Não dói nada, cara – disse Tônico. – Só faz uma cosquinha, o motor agora é elétrico.

– E pra quê motor, cara?

– É pra consertar os dentes.

– É pra limpar e depois consertar – disse seu Severino. – Vou levar você, Válter, num dentista amigo meu, aqui perto. Me espere amanhã depois do seu expediente, está certo?

– Tá legal, seu Severino – e Carniça abriu um sorriso largo e mostrou todos os dentes da frente estragados.

Tônico, para encorajar mais ainda o amigo, disse:

– Mamãe todo ano me leva num dentista e não dói nada, até acho bom, ele bota uma agüinha na boca da gente e manda a gente cuspir num vasão deste tamanho.

No dia seguinte, Carniça e seu Severino foram para o dentista. Esperaram na sala com algumas pessoas, a enfermeira anotou o nome dos dois, e quando chegou a vez entraram.

Seu Severino apresentou Carniça, que estava meio espantado:

– Simplício, este é o Válter, um amigo meu e do meu sobrinho, Tônico. Dê uma olhada aí na boca dele, acho que está em petição de miséria, nunca tratou.

Carniça foi sentado na cadeira; abriu a boca e mais ainda os olhos, seu Severino se sentou de lado.

O dentista examinou, examinou, lavou a boca do Carniça várias vezes, ele cuspiu no vaso, olhava desconfiado pra seu Severino, que fazia que não prestava atenção. De vez em quando Carniça dava um pequeno grito ou pulava na cadeira.

O dentista disse:

– É... Severino, a gente pode aproveitar alguma coisa aqui pela frente. Lá pra trás está tudo esculhambado.

E se virando pro Carniça:

– Faz quantos anos você mudou os dentes, meu filho?

– Mudou?

– Quando nasceram os seus dentes, Válter, depois dos primeiros – disse seu Severino. – Quando começaram a cair e nasceram outros?

Carniça pensou:

– Eu era pequeno... não sei...

– Quantos anos tem? – perguntou o dentista.

Carniça olhou para seu Severino. Este falou:

– Pela certidão dele deve ter quatorze.

– A gente pode dar um jeito no que resta por aí – disse doutor Simplício.

– Tem uma coisa, amigo – disse seu Severino. – Faça um preço camarada, pra ele ir pagando por mês, com o dinheiro da graxa. Não sabe meu sobrinho? O Válter aqui trabalha com ele numa cadeira na porta do armazém do seu Gonçalves.

– Está bem – disse o dentista. – Ele paga como puder, mas tem que vir aqui todo dia.

– Está certo, Válter? – perguntou seu Severino.

– Tá certo – Carniça ia saindo da cadeira, enxugando a boca com uma das mãos.

– Você vai ficar com a boca novinha, não vai, Simplício?

– Vamos ver o que se pode fazer.

– Não vai doer? – perguntou Carniça, tímido.

– Doer? – o dentista o encarou seno. – Você não é um homem?

Os homens acharam graça e Carniça ficou ainda mais encabulado.

Despediram-se.

Já na rua, seu Severino disse pro Carniça:

– Passe na cadeira e diga ao Tônico que hoje não vou aparecer.

– Tá legal.

22

Quando todos já pareciam ter esquecido o incidente do assalto, aconteceu de novo.

Os pivetes voltaram, como tinham prometido ao Carniça, para cobrar de novo a "proteção".

Eram os mesmos meninos e o maior empunhava agora um outro tipo de revólver.

Quando Carniça deu conta da situação já estava com a arma bem na sua barriga, o pivete com os dentes do lado de fora, achando graça na cara e dizendo:

– Ó, meu, a gente veio buscar a grana da "proteção", como ficou combinado.

– Não ficou nada combinado – Carniça murmurou.

– Olha aí, pessoal, o cara quer dar uma de otário, quer reagir.

– Pois dá um "teco" nele – falou o menor, que parecia mais um rato molhado.

O maior observou que a caixa da cadeira estava fechada a cadeado e gritou:

– Manda logo a chave dessa droga, senão vai ganhar uma azeitona. Anda logo, anda logo.

Carniça tirou do bolso da calça a chave e a entregou ao pivete, mas estava de olho duro na arma reluzente. Só que agora ele não tinha mais certeza se o revólver era de brinquedo ou se era de verdade.

Enquanto o assalto se realizava, os meninos faziam que estavam trabalhando, um sentado na cadeira e outro passando graxa nos seus pés descalços, meio escondidos por uma flanela, para que ninguém visse.

Na hora que Carniça viu que todo o dinheiro da caixa estava sendo embolsado pelo pivete maior, deu uma coisa dentro dele, uma raiva maior e então ele deu um berro horrível e saltou em cima do menino.



*Foi nesse instante que se ouviu um estampido seco e o cheiro de pólvora
correu pelo ar.*

Os outros se apavoraram e saíram correndo, deixando o companheiro rolando pelo chão, Carniça tentando tomar-lhe a arma.

O assaltante era bem maior do que Carniça e conseguiu lhe dar um soco firme no rosto, por cima do nariz. Carniça caiu sangrando, mas ainda se levantou, correu, deu uma cabeçada na barriga do pivete, e ambos rolaram de novo pelo chão.

Foi nesse instante que se ouviu um estampido seco e o cheiro de pólvora correu pelo ar.

O pivete saiu correndo e deixou cair a arma. Carniça cambaleou um pouco, tentando se firmar nas pernas, e caiu de bruços.

Seu Gonçalves e seu Alfredo saíram correndo do armazém e ainda viram os meninos correndo na direção da favela.

Carniça no chão, gemendo e segurando a barriga.

– Chame uma ambulância – gritou seu Gonçalves.

Seu Alfredo entrou para telefonar.

– Tenha calma, meu filho. – Seu Gonçalves se abaixou e segurou Camiça, apoiando-o sobre seus joelhos. – A ambulância já vem, seu Alfredo foi chamar.

Carniça gemia e tentava dizer alguma coisa:

– Não... não tive..., nada com.... com isso...

– Eu sei, eu sei, tenha calma, você vai ficar bom.

– Diga pro Tonico... pro tio dele... foram eles...

– Não fale, fique quieto.

Camiça perdeu os sentidos.

23

Levado para o hospital Getúlio Vargas. Carniça foi conduzido logo para a sala de operações.

Em pouco tempo, avisados por seu Gonçalves, chegaram seu Severino e Tonico.

Queriam saber como estava Carniça, indagaram, falaram com um monte de enfermeiros e foram levados para a sala de espera do hospital.

– Ele vai ser operado agora – informou um acadêmico. – Precisa tirar a bala da barriga.

– É grave, doutor? – perguntou Tonico.

– Só depois da operação a gente pode dizer alguma coisa - falou o homem de branco.

Tonico torcia as mãos, nervoso.

– Por que eles fizeram isso com o Carniça, tio, por quê?

– Meninos malvados, Tonico. Criados soltos, sem pai e sem mãe, aprenderam tudo de ruim pelo mundo. A culpa é tanto deles como de quem consente que vivam assim.

Seu Severino estava revoltado, mas Tonico, perturbado, não podia alcançar todo o sentido das suas palavras.

– O Válter deve ter reagido – disse seu Severino. – Ele tinha prometido, não tinha?

– Tinha... – Tonico falou desconsolado.

– Reagiu... e eles atiraram. É assim que sempre fazem, às vezes mesmo sem reação alguma. Válter devia ter ficado quieto, o que são cinquenta cruzeiros ou cem?

– Tio...

– Diga, Tonico.

– Carniça quis mostrar que não estava com eles. Foi isso, tenho certeza.

– Que bobagem, a gente não acreditava nele?

– Acreditava?

– O que quer dizer, Tonico?

– Quando ele contou aquele primeiro assalto, não sabe? Gonçalves achou graça de modo estranho, mostrou que em dúvida, e Carniça, sei, ficou magoado. Mesmo ele ha certeza que a gente acreditava nele.

– Menino bobo. Pra que arriscar a vida por alguns Centavos?

Tonico não disse mais nada. As lágrimas, lentas, desciam de seus olhos.

O tio respeitou seu silêncio.

Os minutos passavam. Tônico e seu Sevenno de olho no corredor comprido. Todo homem ou mulher de branco que passava, eles os interrogavam com o olhar.

Seu Severino então achou que puxar conversa com o sobrinho era melhor. Melhor confortá-lo, pois poderia acontecer o pior.

– Ninguém desconfiava do Válter, Tônico. Eu conheço quando um menino é bom, é bom por natureza. A miséria e a favela não fizeram mal ao Válter. Há pessoas que escapam de um ambiente ruim, são fortes para resistir. Sempre senti que ele queria progredir, ser um homem. Claro que ele fez muita coisa de criança porque é ainda uma criança.

– Tio, será que o Carniça vai morrer? – a voz de Tônico estava trêmula.

– Deus não vai permitir isso, Tônico. Ele é apenas um menino, tem toda uma vida pela frente. Não seria justo. Não, não seria justo.

– Tenho medo, tio.

– Fique calmo. Olhe, Tônico, vou Lhe dizer uma coisa:

acho que ele se salva, mas a gente deve estar preparado para tudo, para o pior e para o melhor. A vida é assim. O que ninguém pode compreender, é porque Deus não quis que a gente compreendesse. Você entende o que. digo?

– Sim, tio.

– Não viu seu pai, morrendo ainda tão moço?

– Sim, tio. Mas não quero que o Carniça morra. Ele ainda vai ser um grande jogador. Só o nome dele vai encher o Maracanã.

– Eu sei, Tônico, que vai ser assim. Ele não vai morrer.

– Se Carniça morrer, tio, nunca mais quero saber de engraxar sapato. Vou procurar outro trabalho pra ajudar mamãe. Faxineiro, biscateiro, seja o que for, menos engraxar sapato.

– Tônico...

– Não ia poder, tio. Ia me lembrar dele toda hora.

Tonico começou a soluçar.

– Calma, meu filho – seu Severino acariciou-lhe os cabelos. – Logo mais o médico vai aparecer e dizer que o Válder se salva, que vai ficar novinho em folha.

Tonico sorriu por entre lágrimas.

Esperaram mais.

Agora em silêncio, o coração de Tonic batendo como um tambor.

Ele como que estava num pesadelo, realidade e fantasia se misturavam – junto com Carniça no campo de futebol, os gols, as brigas com os companheiros, a correria pelas ruas – a alegria de Carniça quando soube que ia trabalhar na cadeira nova – tudo tão longe e tão perto, aqueles pivetes desordeiros, o revólver acabando com a vida de Camiça.

Tonico teve um sobressalto, como se despertasse de um longo sono.

– Em frente a eles estava o médico, olhar fixo nos dois.

– São parentes do rapaz? – perguntou.

– Somos amigos – disse seu Severino.

– E o pai? E a mãe?

– Só tem mãe – informou Tonic. – Mora na favela.

– Então é bom chamá-la. Não sei se o rapaz vai resistir, perdeu muito sangue.

– Ele vai morrer, doutor? – perguntou Tonic, cheio de ansiedade.

– É como já disse. O caso agora é esperar, para ver dele. Não precisam ficar aqui. Deixem o telefone na portaria e qualquer coisa a gente avisa.

Os dois saíram do hospital cabisbaixos, Tonic totalmente derrotado.

Lá fora o sol estava brilhante, a tarde azul e fresca, as pessoas passando, os carros buzinando.

Tonic respirou melhor, se sentiu mais firme, mais calmo e disse para o tio, esboçando um sorriso:

– Sei que ele vai se salvar, tio. Um menino como Carniça não morre, não é?

